

Joanot Martorell

TIRANT LO BLANC

2.º volume

DOCUMENTA





Joanot Martorell

TIRANT LO BLANC

2.º VOLUME

tradução do catalão e notas

Artur Guerra

desenhos

Ilda David'

DOCUMENTA

Esta tradução foi apoiada pelo Institut Ramon Llull



TÍTULO ORIGINAL: *TIRANT LO BLANC*

© SISTEMA SOLAR, CRL (DOCUMENTA), 2017

RUA PASSOS MANUEL, 67 B

1150-258 LISBOA

tradução © ARTUR GUERRA, 2017

imagens © ILDA DAVID', 2017

REVISÃO: ANTÓNIO D'ANDRADE

1.ª EDIÇÃO, MAIO DE 2017

ISBN 978-989-8834-75-1

DEPÓSITO LEGAL 402262/15

ESTE LIVRO FOI IMPRESSO NA ACDPRINT

RUA MARQUESA D'ALORNA 12

2620-271 RAMADA

PORTUGAL

CXV.

Carta enviada pelo imperador de Constantinopla
ao rei da Sicília.

— Nós, Frederico¹, imperador do Império Grego, pela imensa e divina majestade do soberano Deus eterno, saúde e honra a vós, Rei da grande e próspera ilha da Sicília. Pelo acordo feito pelos nossos antecessores, e por vós e por mim pactuado, confirmado e jurado em poder dos nossos embaixadores: notificamos à Vossa Real Pessoa que o Sultão, mouro renegado, está com grande exército dentro do nosso Império e acompanhado pelo Grão-Turco; apoderaram-se da maior parte do nosso território, que não podemos socorrer por causa da minha senectude, que não me permite usar armas. Depois da grande perda que tivemos de cidades, vilas e castelos, mataram-me o maior bem que eu tinha neste mundo, isto é, o meu filho primogénito, que era o meu consolo, escudo e defesa da santa fé católica, que batalhava com ânimo viril contra os infiéis com muita honra e glória sua e minha. E considero maior desventura que tenha sido morto pela sua própria gente. Aquele triste e doloroso dia foi a perdição da minha honra e fama, e da casa imperial. Como tenho conhecimento e é publicamente sabido que tendes na vossa corte um cavaleiro intrépido, cujos feitos singulares são de grande experiência e aumentam a dignidade militar, que se chama Tirant lo Blanc e pertence à irmandade daquela singular ordem de cavalaria que se diz haver sido fundada na ilha de Inglaterra sob a invocação do glorioso santo, pai da cavalaria, senhor São Jorge, e como deste cavaleiro se narram muitos feitos insignes dignos de muita honra, falando-se especialmente do que fez ao grande Mestre de Rodes libertando-o a ele e a toda a sua Congregação do Sultão e de todo o seu exército, e que agora está aqui, e de muitas outras coisas virtuosas que se propagam pelo mundo sobre ele, vos pedimos a graça de que pela fé, amor e dedicação que tendes a Deus e à cavalaria, vos digneis

¹ Não existiu nenhum imperador do Império Bizantino que se chamasse Frederico, nome que se repete no capítulo CXLVI, mas que no capítulo CLXXXVI se chama Henrique.

rogar-lhe, da vossa parte e da minha, que ele aceite vir servir-me, que eu lhe darei dos meus bens tudo o que ele quiser. Se ele não vier, suplico à Justiça Divina que lhe faça sentir as minhas dores. Ó bem-aventurado rei da Sicília! Sejam por ti aceites as minhas súplicas, que são de doloroso pranto, e, posto que és rei coroado, tem piedade da minha dor, para que a imensa bondade de Deus te guarde de semelhante situação, já que todos estamos sujeitos à roda do destino, que ninguém poderá deter. Queira Deus pela sua mercê ver a nossa boa e sã intenção, e ponho fim à pena e não à mão, que não se cansaria de contar por escrito os males passados, presentes e futuros.

Lida que foi a carta do imperador, e bem compreendida por Tirant, o Rei comunicou as novas a Tirant e começou assim a falar.

CXVI.

Como o rei da Sicília pediu a Tirant, da sua parte e do imperador de Constantinopla, que se dignasse ir a Constantinopla para o socorrer.

– Graças infinitas tereis de dar a Deus Onnipotente, Tirant, irmão, pois ele concedeu-vos tantas perfeições que em todo o mundo triunfa a glória do vosso nome. E ainda que os meus rogos não mereçam ser obedecidos, porquanto não tendes qualquer obrigação de fazer por mim seja o que for, pois nunca fiz nada por vós, estando, pelo contrário, mui grato por tudo quanto me fizestes; foi apenas confiando no vosso alto e generoso coração, que não pode agir senão como quem é e como é seu costume, que me atrevi a vir pedir-vos e rogar por parte do imperador de Constantinopla e pela minha. E se estes meus rogos tão justos e de tanta caridade não obtiverem acolhimento em vós, ao menos, por reverência e submissão a Deus Onnipotente, dignai-vos ter compaixão daquele triste e aflito imperador que tão insistentemente vos pede e suplica que tenhais misericórdia da sua senectude, para que ele, por meio da vossa grande cavalaria, e confiando nela, não seja despojado do seu imperial senhorio.

Havendo o Rei acabado de dizer estas palavras, acompanhadas de mui grande affecto, Tirant deu início às seguintes palavras:

– Não é pouca a vontade que tenho, senhor, de servir Vossa Excelência, porque o amor é a mais forte obrigação que no mundo existe. E como os pedidos de Vossa Alteza para mim são ordens, pois a minha vontade haveis conquistado, se Vossa Majestade me ordenar que eu vá para servir o próspero imperador que senhoreia a Grécia, fá-lo-ei pelo grande amor que sinto por Vossa Alteza. Porém, senhor, eu não posso fazer senão o que é possível a um homem, isto é notório a Deus e ao mundo: por muito que a fortuna me haja favorecido, haja sido comigo amiga e próspera com o planeta Marte, sob o qual nasci, e me haja querido dar vitória, honra e dignidade, não me convém presumir mais do que aquilo que a fortuna me deu. E estou mui admirado que aquele magnânimo imperador, pondo de lado tantos e excelentes reis como há no mundo, duques, condes e marqueses, na arte de cavalaria mais entendidos e mais valentes do que eu, queira deixá-los para me ter a mim. Não está a ser mui bem aconselhado.

– Tirant – disse o Rei –, bem sei que há bons cavaleiros no mundo, e vós não deveis ser esquecido entre os demais. Se destes porventura se examinasse a honra, dentre os imperadores, reis e cavaleiros entendidos, vós receberíeis o prémio, a honra e a glória como sendo o melhor cavaleiro de todos. Por isso vos peço e vos rogo, como cavaleiro que sois, e pela dívida que tendes para com a cavalaria, pelo juramento que fizestes naquele dia em que vos foi dada primeiro que aos outros a Ordem da Irmandade da Jarreteira, que vos digneis ir com grande amor e vontade para servir o estado imperial, e assim vos aconselho como se fôsseis o meu próprio filho. Porque conheço a vossa nobre condição e grande habilidade, e delas seguir-se-ão grandes benefícios pela vossa ida, pois poupareis muitos povos da fé cristã de duro e grave cativo, e por isso sereis premiado pela Bondade Divina neste mundo com honras excelsas, e no outro com a glória eterna. Portanto, virtuoso cavaleiro, posto que as minhas galeras estão prontas, bem armadas e disponíveis para tudo o que mandardes e quiserdes ordenar, peço-vos que façais mui em breve a vossa partida.

– Posto que Vossa Senhoria mo ordena e mo aconselha – disse Tirant –, estou pronto para partir.

O Rei ordenou que todas as galeras fossem abastecidas com as coisas necessárias. E os embaixadores do Imperador, quando o Rei lhes disse que Tirant estava disposto a partir, sentiram-se os homens mais felizes do mundo e agradeceram muito ao Rei.

Assim que chegaram à Sicília, os embaixadores prepararam a banca para contratar gente a soldo. Ao besteiro davam meio ducado por dia, e ao homem de armas, um ducado. E como na Sicília não havia muita gente, foram a Roma e a Nápoles, onde encontraram muita gente que de bom grado se pôs a soldo, e compraram muitos cavalos. Tirant não cuidou de outra coisa senão de fazer os preparativos das armas e de comprar cinco caixas grandes de trombetas. O Rei e Filipe deram-lhe cavalos suficientes e fizeram-nos embarcar nas naus junto com os outros.

Tirant despediu-se do Rei, da Rainha, de Filipe e da Infanta. Depois de embarcar toda a gente, abriram as velas ao vento próspero e navegaram com bom tempo e mar tranquilo, e certa manhã viram-se diante da cidade de Constantinopla.

Quando soube que Tirant havia chegado, o Imperador sentiu tanta alegria como nunca na sua vida havia sentido, era como se o seu filho houvesse ressuscitado. As onze galeras vieram com tantos sons de instrumentos e tanta alegria que animaram toda a cidade. O povo, que andava triste e abatido, alegrou-se muito, até parecia que Deus lhes havia aparecido. O Imperador subiu para um grande palanque para ver a chegada das galeras. Quando Tirant soube que o Imperador estava naquele lugar, no palanque, mandou trazer duas bandeiras grandes do rei da Sicília e uma das suas, e fez armar três cavaleiros totalmente de branco², sem sobrevestes, e cada um tinha uma bandeira na mão, e, de cada vez que passavam diante do Imperador, baixavam as bandeiras até perto da água e faziam com que a de Tirant tocasse inteiramente na água. Isto era um sinal de que o saudavam e de que, devido à dignidade do Imperador, se humilhavam profundamente diante dele. O Imperador, quando viu aquilo, que era uma coisa nova para ele, pois nunca havia visto nada igual, ficou mui contente com aquela cerimónia, e mais ainda com a vinda de Tirant.

² Isto é, com armadura inteiriça com defesas metálicas (veja-se a nota no cap. XIV, 1.º vol., p. 54).

Depois de as galeras haverem passado muitas vezes, ora para cima, ora para baixo, lançaram as escadas para terra. Naquele dia Tirant saiu vestido com uma jazerina de malha e mangas com franja de ouro, e, sobre a jazerina, uma jórnea feita à francesa, com a espada cingida, e usava na cabeça um barrete de grã com um grande broche guarnecido de muitas pérolas e pedras preciosas de grande valor. Diafebus saiu de forma semelhante, excepto na jórnea, que era de cetim roxo, e Ricardo saiu tão bem vestido como todos os outros, e com uma jórnea de damasco azul. Todas estas jórneas eram bordadas com ourivesaria e pérolas orientais mui grandes. E todos os outros cavaleiros e gentis-homens iam também mui bem vestidos.

Quando Tirant chegou a terra, encontrou à beira-mar o conde de África à sua espera com muita gente que o recebeu com muitas honras. Partiram daqui e dirigiram-se para o palanque onde estava o Imperador. Quando o viu, Tirant levou o joelho ao chão, e assim todos os seus; quando chegaram ao meio do palanque, tornaram a fazer uma reverência. Ao chegar ao pé do Imperador, ajoelhou-se e quis beijar-lhe o pé, mas o valeroso senhor não o consentiu. Beijou-lhe a mão, e o Imperador beijou-o na boca.

Quando todos já haviam feito a sua reverência, Tirant entregou ao Imperador a carta do rei da Sicília que ele trazia para o Imperador. Depois de a ler na presença de todos, o Imperador falou desta forma.

CXVII.

Como Tirant chegou a Constantinopla, e as razões que o Imperador lhe disse.

— Não é pequena a alegria que sinto com a vossa próspera chegada, virtuoso cavaleiro, agradecendo ao bem-aventurado rei da Sicília a boa lembrança que teve da minha grande dor, pois a esperança que tenho na vossa grande virtude de cavalaria faz-me mandar para o esquecimento todos os males passados, reconhecendo no vosso belo aspecto o que me foi relatado por muitas pessoas, pois o

vosso bem e a vossa virtude não podem ser escondidos, evidentes no facto de virdes até aqui a pedido do animoso rei da Sicília, sentindo eu por vós maior gratidão do que se tivésseis vindo mediante embaixadores ou por cartas minhas. E, para que todos saibam como vos estou grato e o grande afecto que tenho por vós, presenteio-vos com a capitania imperial e geral da gente de armas e da justiça.

Quis também dar-lhe o bastão de comando, que era de ouro maciço e de esmalte numa das pontas, com as armas do Império pintadas. Tirant não quis aceitar o bastão de capitão e, levando o joelho ao chão duro e em atitude humilde e afável, deu-lhe a seguinte resposta:

– Senhor, não se ofenda Vossa Majestade por eu não querer aceitar o bastão, porque, falando com a vénia e o perdão de Vossa Alteza, não vim com força de cavalaria suficiente para poder atacar a grande mourisma que há no vosso império, pois em número não somos senão cento e quarenta cavaleiros e gentis-homens, todos como irmãos na vontade, nada querendo usurpar que por direito não nos seja dado com justiça, e é notório a Vossa Majestade que não sou merecedor de tal dignidade ou comando, por muitas e justas razões. A primeira, por eu não conhecer o exercício das armas; a segunda, pela pouca gente que tenho; a terceira, pela grande usurpação e injúria em relação ao senhor Duque da Macedónia, a quem essa dignidade pertence mais do que a mim, e neste caso, preferiria ser mártir a confessor.

– Em minha casa – disse o Imperador – não pode mandar senão quem eu quero. E eu quero e mando que sejais vós a terceira pessoa a comandar todos os homens de armas, pois, para minha desventura, perdi aquele que consolava a minha alma; e, não podendo levar armas, devido à minha incapacidade e à velhice que já tenho, entrego todo o meu lugar a vós e a mais ninguém, assim como a minha pessoa.

Ao ver a vontade do Imperador, Tirant aceitou o bastão de comando e da justiça, e beijou-lhe a mão. Por ordem do Imperador, os trombetas e os menestrels começaram a tocar, e anunciaram por toda a cidade o pregão imperial a dizer que era Tirant lo Blanc o eleito para Capitão-mor, por ordem do senhor Imperador.

Depois de tudo isto, o Imperador saiu do palanque para retornar ao palácio, e todos tinham forçosamente de passar por uma bela pousada que havia sido preparada para nela permanecerem Tirant e todos os seus. Disse o Imperador:

– Capitão, já que aqui estamos, recolhei-vos nesta vossa pousada para que possais repousar durante alguns dias, por causa dos trabalhos do mar que haveis sofrido. Concedei-me o grande prazer de ficardes e deixai-me partir.

– Senhor, como pode Vossa Alteza imaginar tão grande falta em mim que vos abandone? O meu repouso é acompanhar Vossa Majestade, e acompanhar-vos-ia até aos infernos, quanto mais até ao palácio.

O Imperador desatou a rir do que Tirant lhe disse. E Tirant acrescentou:

– Senhor, quando chegarmos ao palácio, conceda-me Vossa Majestade a graça de eu poder, com a vossa licença, ir prestar reverência à senhora Imperatriz e à vossa querida filha, a senhora Infanta.

O Imperador concordou plenamente.

Quando chegaram à sala grande do palácio, o Imperador tomou-o pela mão e levou-o para o aposento onde estava a Imperatriz, e encontraram-no mui escuro, pois não havia lume nem claridade alguma, e o Imperador disse:

– Senhora, eis o nosso Capitão-mor que vem prestar-vos reverência:

Ela respondeu, quase com voz esmorecida:

– Que ele seja bem-vindo.

Disse Tirant:

– Senhora, tenho de confiar e acreditar que é a senhora Imperatriz quem fala comigo.

– Capitão-mor – disse a Imperatriz –, quem quer que tenha a capitania do Império Grego tem autoridade para abrir as janelas e olhar para todas as damas no rosto e levantar-lhes o luto que trazem pelo marido, pai, filho ou irmão. E assim quero eu que useis o vosso ofício.

Tirant ordenou que lhe trouxessem um archote aceso, o que prontamente foi feito. Quando a luz encheu o aposento, o Capitão viu o dossel preto. Aproximou-se, abriu-o e viu uma senhora toda vestida de pano grosso e com um grande véu preto na cabeça que a cobria até aos pés. Tirant retirou-lhe o véu da cabeça e ela ficou com o rosto descoberto; ao ver-lhe o rosto, dobrou o joelho e beijou-lhe o pé, por cima da roupa, e depois a mão. Ela tinha nas mãos uns páter-nosters de ouro esmaltado: beijou-os e deu-os a beijar ao Capitão. Depois viu um leito com cortinas pretas. A Infanta estava deitada naquele leito com um

brial de cetim preto, vestida e coberta com uma roupa de veludo da mesma cor. Aos pés da cama estavam sentadas uma dona e uma donzela. A donzela era filha do duque da Macedónia, a dona chamava-se Viúva Repousada e havia sido a ama-de-leite da Infanta. Num dos lados do aposento viu cento e setenta donas e donzelas sentadas que estavam com a Imperatriz e com a infanta Carmesina.

Tirant aproximou-se do leito e fez uma grande reverência à Infanta e beijou-lhe a mão. A seguir foi abrir as janelas. Parecia que as damas saíam todas de um grande cativeiro, pois haviam estado muitos dias naquelas trevas pela morte do filho do Imperador. Disse Tirant:

– Senhor, falando com a vossa vénia e perdão, direi a Vossa Alteza e à senhora Imperatriz, aqui presente, qual a minha intenção. Eu vejo que o povo desta insigne cidade está mui triste e pesaroso por duas razões. A primeira é pela perda que Vossa Alteza sofreu daquele animoso cavaleiro, o Príncipe, vosso filho; Vossa Majestade não deve deixar-se abater, pois ele morreu ao serviço de Deus e para manter a santa fé católica, pelo contrário, deveis dar louvores e graças à imensa bondade de Deus Nosso Senhor, porque ele vo-lo havia encomendado e ele vo-lo quis levar para o bem maior dele, e colocou-o na glória do paraíso. Por isso lhe deveis dar muitos louvores, e Ele, que é misericordioso e de piedade infinita, dar-vos-á neste mundo uma vida próspera e longa, e depois da morte, a glória eterna, e far-vos-á vencedor de todos os vossos inimigos. A segunda causa por que estão tristes, é pela grande mourisma que vêem tão perto, temendo perder os bens e a vida e, como mal menor, ficar cativos dos infiéis. Por isso, a necessidade exige que Vossa Alteza e a senhora Imperatriz mostrem cara alegre a todos os que vos virem, para os consolarem da dor em que estão mergulhados e eles encontrem ânimo para combater virilmente contra os inimigos.

– O Capitão deu um bom conselho – disse o Imperador. – E eu quero e ordeno que tanto os homens como as mulheres abandonem imediatamente o luto.

CXVIII.

Como Tirant foi atingido no coração por uma seta lançada pela deusa Vénus quando olhava para a filha do Imperador.

Enquanto o Imperador ia dizendo estas ou semelhantes palavras, os ouvidos de Tirant estavam atentos ao seu sentido; por outro lado, os olhos contemplavam a grande beleza de Carmesina. Devido ao grande calor que fazia, pois havia permanecido com as janelas fechadas, Carmesina estava meio desabotoada mostrando dois seios como duas maçãs do paraíso mui cristalinas que se deixaram invadir pelos olhos de Tirant, os quais dali em diante não encontraram a porta por onde sair e ficaram para sempre aprisionados em poder de uma pessoa livre até que a morte dos dois provocou a separação. Mas sei, decerto, dizer-vos muito bem que, por muitas honras e consolações que houvesse visto, jamais os olhos de Tirant receberam um repasto semelhante a este de ver a Infanta. O Imperador tomou a sua filha Carmesina pela mão e trouxe-a para fora dos aposentos. O Capitão tomou a Imperatriz pelo braço, e entraram noutro aposento ricamente paramentado e historiado em toda a volta com os seguintes amores: de Floris e Branca-Flor, de Tisbe e Píramo, de Eneias e Dido, de Tristão e Isolda, da rainha Genebra e Lancelote, e de muitos outros, e todos os amores estavam representados com uma pintura mui subtil e artística. Tirant disse a Ricardo:

– Eu jamais acreditaria que houvesse nesta terra tantas coisas admiráveis como vejo.

Dizia-o mais pela grande beleza da Infanta. Mas aquele não entendeu.

Tirant pediu licença a todos e foi para a pousada, entrou num quarto e pôs a cabeça numa almofada aos pés da cama. Não demoraram muito que viessem perguntar-lhe se ele queria almoçar. Tirant disse que não, que lhe doía a cabeça. Estava ferido por aquela paixão que a muitos engana. Diafebus, ao ver que Tirant não saía, entrou no quarto e disse-lhe:

– Capitão, senhor, peço-vos pelo amor que me tendes que me digais qual é o vosso mal, pois se eu vos puder dar algum remédio, fá-lo-ei de muito boa vontade.

– Meu primo – disse Tirant –, não vos preocupeis para já em saber qual é o meu mal; não tenho outro mal senão o de estar maldisposto por causa do ar do mar.

– Oh, Capitão! Quereis esconder-vos de mim, que tenho sido um arquivo para todos os males e bens que haveis tido, e agora por tão pouca coisa me banis dos vossos segredos? Dizei-me, clamo a Vossa Mercê que não me escondais nada do que for vosso.

– Não me atormenteis mais – disse Tirant –, pois jamais senti tão grande mal como o que sinto agora, e que me levará depressa a uma morte miserável ou à glória descansada se a fortuna não me for contrária, já que o fim de todas estas coisas é o sofrimento, porque o amor é sempre amargo.

Virou-se para o outro lado tão envergonhado que não ousou olhar para Diafebus no rosto, e não conseguiu que saísse outra palavra da sua boca senão:

– Eu amo.

Dito isto, os seus olhos destilaram lágrimas vivas misturadas com soluços e suspiros. Diafebus, vendo o comportamento envergonhado de Tirant, compreendeu porque é que Tirant repreendia todos os da sua linhagem, e até aqueles de quem era amigo, quando acontecia falarem de amores. Dizia-lhes: «Bem, sois todos loucos, vós que amais. Não tendes vergonha de vos privardes da liberdade e colocá-la nas mãos do vosso inimigo, que vos deixa perecer antes de vos conceder mercê?», fazendo grande troça de todos. Mas vejo que ele acabou por cair naquele laço a que a força humana não consegue resistir.

E, pensando Diafebus nos remédios que para tal mal se exigem, em atitude piedosa e afável, começou assim a falar.

CXIX.

Palavras de conforto que Diafebus diz a Tirant ao vê-lo preso nos laços do amor.

– É condição natural da natureza humana amar, pois diz Aristóteles³ que todas as coisas atraem o seu semelhante. E ainda que vos pareça coisa dura e es-

³ Referência a *Ética a Nicómaco*, VIII, I; 1155 a).

tranha ser-se subjugado pelo jugo do amor, podeis crer verdadeiramente que ninguém tem o poder de lhe resistir. Por isso, senhor Capitão, quanto mais sábio for o homem, mais discretamente deve esconder os movimentos naturais e não manifestar para o exterior a pena e a dor com que se debate a sua mente, pois o valor do homem manifesta-se quando, havendo caído nessas situações, sabe suportar as adversidades do amor com ânimo virtuoso. Alegrai-vos, pois, descei desse lugar de pensamentos onde estais sentado, e que o vosso coração manifeste alegria, já que a boa sorte vos levou a colocar o vosso pensamento em tão alto lugar, vós de um lado e eu do outro poderemos pôr remédio à vossa nova dor.

Quando Tirant ouviu as palavras de conforto que Diafebus lhe dizia, sentiu-se mais consolado. Levantou-se, envergonhado, e ambos foram comer um almoço que era mui singular, porque havia sido enviado pelo Imperador. Tirant, porém, comeu muito pouco e bebeu muito das suas lágrimas, reconhecendo claramente que havia exagerado mais do que devia. Porém, disse:

– Posto que este assunto começou hoje, quando quererá Deus que eu obtenha vitoriosa sentença?

Tirant não conseguiu comer. Os outros pensavam que ele estava maldisposto por causa das incomodidades do mar. Devido à grande paixão que sentia, Tirant levantou-se da mesa e meteu-se num quarto, no meio de grandes suspiros, com vergonha da humilhação que tal situação lhe provocava. Diafebus e os outros foram fazer-lhe companhia até ele querer descansar um pouco.

Diafebus tomou consigo outro cavaleiro e dirigiram-se para o palácio, não com intenção de ver o Imperador, mas para irem ver as damas. O Imperador estava sentado a uma janela. Viu-os passar; mandou dizer-lhes que fossem ter com ele. Diafebus e o outro subiram aos aposentos onde o Imperador estava com as damas. O Imperador perguntou-lhe onde estava o Capitão, e Diafebus disse-lhe que Tirant estava um pouco enjoado. Ao saber isto, o Imperador ficou preocupado e ordenou que os seus médicos fossem imediatamente ver como ele estava.

Quando regressaram, os médicos relataram ao Imperador que ele estava perfeitamente, o mal era apenas devido à mudança de ares. O magnânimo Imperador pediu a Diafebus que lhe contasse todos os festejos que haviam sido fei-

tos em Inglaterra por ocasião das bodas do Rei com a filha do rei da França, quais os cavaleiros que haviam participado nos exercícios de armas e quais haviam sido os vencedores do campo.

– Senhor – disse Diafebus –, grande graça e mercê receberia eu de Vossa Majestade se não tivesse de dizer essas coisas, pois não gostaria que Vossa Alteza pensasse que, por ser parente de Tirant, eu lhe quisesse dar mais louvor do que ele realmente mereceu. Para maior certeza de Vossa Majestade, e para não pensar o contrário, tenho aqui todas as actas assinadas pela própria mão do Rei, dos juízes de campo e de muitos duques, condes e marqueses, reis-de-armas, arautos e passavantes.

O Imperador pediu-lhe que lhas fizesse trazer imediatamente, enquanto lhe contava tudo. Diafebus mandou buscá-las e, seguidamente, contou ao Imperador em pormenor todos os festejos pela ordem em que haviam sido realizados, e o mesmo com os exercícios de armas. Depois leram-se todas as actas e puderam verificar que Tirant havia sido o melhor de todos os cavaleiros. Mui grande foi a consolação do Imperador; e maior ainda a da sua filha Carmesina e das damas, que ouviam com grande devoção as singulares cavalarias de Tirant. Depois quiseram saber do casamento da infanta da Sicília e da libertação do grande Mestre de Rodes.

Quando todas as coisas foram explicadas, o Imperador saiu para realizar o seu conselho, que ele costumava reunir todos os dias de manhã durante meia hora, e depois, à tarde, durante uma hora. Diafebus quis acompanhá-lo, mas o valeroso senhor não permitiu, e disse:

– O costume é os jovens cavaleiros terem mais prazer em estar com as damas.

O Imperador saiu e Diafebus ficou a falar com elas sobre muitas coisas. A infanta Carmesina suplicou à Imperatriz sua mãe que passassem para outra sala, para poderem estar mais à vontade, pois já estavam há muito tempo fechadas de luto pelo irmão. Disse a Imperatriz:

– Minha filha, vai para onde quiseres, que eu fico contente.

Passaram todos para uma grande sala mui maravilhosa, toda construída em alvenaria com mui subtil arte: as paredes eram todas trabalhadas em jaspe e pórfiros de várias cores, figuras que deixavam os observadores admirados. As jane-

las e as colunas eram de cristal puro, e o pavimento era todo com centelhas de mui grande esplendor. As figuras das paredes representavam diversas histórias de Boors, de Parsifal e de Galaaz, quando este realizou a aventura do Assento Perigoso⁴, e toda a demanda do Santo Graal estava ali pintada. O tecto, soberbo, era todo em ouro e azul, e à volta havia figuras, também em ouro, de todos os reis cristãos, cada um com a sua bela coroa na cabeça e o ceptro na mão, e aos pés de cada rei havia um modilhão com um escudo em que estavam representadas as armas do rei e o seu nome escrito em letras latinas.

Quando entrou na sala, a Infanta, juntamente com Diafebus, afastou-se um pouco das donzelas, e começaram a falar sobre Tirant. Diafebus, ao vê-la com tão boa disposição, e que a Infanta falava de Tirant com tanta vontade, apressou-se a dizer:

– Oh! Grande glória é para nós haver atravessado tanto mar e haver chegado sãos e salvos ao desejado porto da nossa bem-aventurança; e por especial graça haver alcançado que os nossos olhos vissem a mais bela imagem de carne humana que alguma vez haja existido desde a nossa mãe Eva até nós, nem creio que jamais haverá outra, tão prendada de elevadas graças e virtudes: graciosidade, beleza, honestidade, e dotada de infinito saber! Não me queixo dos trabalhos sofridos, nem dos que hão-de vir, por haver encontrado Vossa Majestade, que é merecedora de senhorear o universo mundo, e nisto não se deve ver senão Vossa Alteza. Tudo o que disse e direi, tomai-o como sendo de servidor leal e guardai-o nos recantos mais secretos da vossa alma, pois o famoso cavaleiro Tirant lo Blanc veio só por ouvir falar da fama de Vossa Celsitude e dos bens e virtudes que a natureza pode comunicar a um corpo mortal. Não pense Vossa Alteza que viemos pelas admoestações do valeroso rei da Sicília, nem mesmo pelas cartas do Imperador, vosso pai, por ele enviadas ao rei da Sicília, nem pense Vossa Celsitude que viemos para exercitar as nossas pessoas em feitos de armas, pois já as temos mui bem exercitadas; nem ainda pela beleza da terra, nem para ver os palácios imperiais, pois as nossas próprias casas, qualquer uma delas, pas-

⁴ Referência à *seeda perigosa* de que se fala nos primeiros capítulos de *A Demanda do Santo Graal*, (veja-se a edição de Joseph-Maria Piel, IN-CM, 1988).

saria bem por ser um templo de oração: são tão grandes e tão belas que cada um de nós presume ser um pequeno rei na sua terra; e pode Vossa Celsitude acreditar que a nossa vinda não foi senão para ver e servir Vossa Majestade. E se guerras e combates houver, tudo será por vosso amor e contemplação.

– Oh, triste de mim! – disse a Infanta. – O que é que me dizeis? Poderei orgulhar-me de que todos vós viestes por amor de mim e não por amor do meu pai?

– Sobre isso poderia jurar pela minha fé – disse Diafebus –, como Tirant, que é irmão e senhor de todos nós, nos rogou que viéssemos com ele a esta terra e lhe concedêssemos essa honra para que pudéssemos ver a filha do Imperador, a quem mais do que tudo neste mundo ele desejava ver. E logo na primeira visão que teve de Vossa Alteza foi tão grande o agrado que sentiu ao ver Vossa Excelência que deu com a cabeça na cama.

Enquanto Diafebus lhe dizia estas coisas, a Infanta estava alienada e em tão profunda reflexão que não falava, meio fora de si, e o seu rosto angélico ia ficando de várias cores, pois a fragilidade feminina havia-a dominado de tal forma que não conseguia falar. Por um lado, o amor animava-a; por outro, a vergonha retraía-a. O amor estimulava-a a querer o que não devia, mas a vergonha continha-a por receio de escândalo.

Nesse instante chegou o Imperador e chamou Diafebus, porque muito lhe agradava o seu modo de se comportar. E falaram de muitas coisas, até que o Imperador quis ir cear. Diafebus pediu licença e aproximou-se da Infanta, perguntando-lhe se Sua Majestade queria que ele fizesse alguma coisa.

– Sim – disse ela: – Tomai estes meus abraços, guardai-os convosco e dai parte deles a Tirant.

Diafebus aproximou-se e fez o que ela lhe ordenou.

Quanto Tirant soube que Diafebus havia ido ao palácio e falado com a Infanta, sentiu a maior vontade do mundo de que ele viesse para saber novas da sua senhora. Quando Diafebus entrou no quarto, Tirant levantou-se da cama e disse-lhe:

– Meu bom irmão, que novas me trazeis daquela que é plena de virtudes e tem cativa a minha alma?

Diafebus, vendo o amor extremado de Tirant, abraçou-o da parte da sua senhora e contou-lhe tudo o que haviam conversado. Tirant ficou mais contente

do que se lhe houvessem dado um reino, e recompôs-se de tal modo que comeu bem e pôs-se alegre, ansiando que chegasse a manhã para poder ir vê-la.

Quando Diafebus se retirou, a Infanta ficou profundamente pensativa, e sentiu-se forçada a sair de junto do pai e ir para os seus aposentos. A filha do duque da Macedónia chamava-se Estefania, e era uma donzela por quem a Infanta sentia grande amor, porque haviam sido criadas juntas desde mui pequenas e tinham a mesma idade. Quando viu que a Infanta estava nos aposentos, Estefania levantou-se imediatamente da mesa e seguiu-a. Ao chegar junto dela, a Infanta contou-lhe tudo o que lhe havia dito Diafebus, bem como a paixão extrema que sentia por amor de Tirant:

– Digo-te que me alegrou mais a visão deste homem do que a de todos quantos vi neste mundo. É um homem alto e de aspecto singular e mostra bem, com os seus gestos, a grandeza de ânimo que tem, e as palavras que saem da sua boca têm sempre muita graça. Vejo-o mais cortês e afável do que qualquer outro. Portanto, quem não amaria alguém como ele? E veio mais por amor de mim do que do meu pai! Sinto verdadeiramente o meu coração mui inclinado a obedecer a todas as suas ordens; e, pelos indícios, parece-me que ele será a minha vida e a minha protecção.

Disse Estefania:

– Senhora, de entre os bons devemos escolher o melhor, e, conhecidas as cavalarias singulares que este fez, não há mulher nem donzela no mundo que de bom grado não o deva amar e submeter-se em tudo à sua vontade.

Estando nesta deliciosa conversa, chegaram as outras donzelas e a Viúva Repousada, que tinha uma profunda ligação a Carmesina pela razão já dita de a ter criado com o seu leite, e perguntou-lhes de que estavam a falar. Disse a Infanta:

– Estávamos a falar do que nos contou aquele cavaleiro sobre os festejos e as honras que se fizeram em Inglaterra a todos os estrangeiros que lá se encontraram.

E assim, falando sobre estas e outras coisas, passaram a noite, de modo que a Infanta quase não dormiu.

No dia seguinte, Tirant vestiu-se com um manto de joalharia. A divisa era com feixes de milho, e as espigas eram de pérolas mui graúdas e belas, com uma frase bordada em cada quadra do manto que dizia: *Uma vale mil e mil não*

*valem uma*⁵. As meias e o capirote atado à francesa tinham a mesma divisa. Na mão trazia o bastão dourado de comando. Todos os demais da sua parentela vestiram-se ricamente com brocados, sedas e pratas, e, assim ataviados, dirigiram-se para o palácio.

Quando chegaram à porta principal, viram ali uma coisa de singular admiração: em cada soleira da porta, do lado de dentro, à entrada da praça, havia uma pinha toda em ouro e da altura de um homem, e as pinhas eram tão grossas que cem homens não as conseguiriam levantar; em tempos passados de grande prosperidade o Imperador havia mandado fazê-las como prova de grande magnificência. Entraram no palácio e encontraram muitas onças e leões presos com correntes de prata mui grossas; subiram até uma grande sala toda trabalhada em alabastro.

Quando o Imperador soube que havia chegado o seu Capitão, ordenou que o deixassem entrar. Este encontrou o Imperador a vestir-se, a filha Carmesina a penteá-lo e a dar-lhe a bacia, coisa que costumava fazer todos os dias. A Infanta estava com uma gonela de fio dourado toda trabalhada com uma erva chamada amorval⁶, e com letras bordadas com pérolas à volta que diziam a seguinte frase: *Mas não a mim*. Quando acabou de se vestir, o Imperador perguntou a Tirant:

– Dizei-me, Capitão, qual era o mal que ontem afligia a vossa pessoa?

Disse Tirant:

– Senhor, Vossa Majestade deve saber que o meu mal é todo de mar⁷, porque os ventos desta terra são mais leves que os de poente.

Respondeu a Infanta, antes que o Imperador falasse:

– Senhor, o mar não faz mal aos estrangeiros se forem como devem ser, antes pelo contrário, dá-lhes saúde e vida longa – olhando sempre para o rosto de Tirant, sorrindo-lhe para que Tirant percebesse que ela o havia entendido.

⁵ *Una val mill e mill no valen una*, jogo de palavras intraduzível entre *mill* (quantidade) e *mill* (milho, cereal).

⁶ Trata-se, muito provavelmente, da manjerona.

⁷ Equívoco criado com jogo de palavras «tot lo meu mal és *de mar*» e «tot lo meu mal és *d'amar*», que Carmesina compreende; este jogo de palavras aparece com frequência nos textos trovadorescos.

O Imperador saiu do quarto a falar com o Capitão, e a Infanta tomou Diafebus pela mão, segurou-o e disse-lhe:

– Por causa das palavras que ontem me haveis dito, não dormi em toda a noite.

– Senhora, que quereis que vos diga? Também tivemos a nossa parte. Fico, porém, mui consolado por haverdes entendido Tirant.

– Porventura pensáveis – disse a Infanta – que as mulheres gregas tinham menos conhecimento e valor que as francesas? Nesta terra saberão muito bem entender o vosso latim, por mais obscuramente que o queirais falar.

– Por isso, senhora, é maior a nossa satisfação – disse Diafebus – ao conversarmos com pessoas tão entendidas.

– Mais adiante – disse a Infanta – vereis o que é conversar, e vereis também se não compreendemos os vossos passos.

A Infanta mandou chamar Estefania e as outras donzelas para que fizessem companhia a Diafebus, e logo se apresentaram várias. Quando o viu bem acompanhado, a Infanta entrou em seus aposentos para se acabar de vestir. Entretanto, Tirant havia acompanhado o Imperador até à igreja grande de Santa Sofia, deixou-o lá a rezar as horas e voltou para o palácio para fazer companhia à Imperatriz e a Carmesina. Ao entrar na sala grande, encontrou lá o seu primo Diafebus no meio de várias donzelas a contar-lhes os amores da filha do rei da Sicília e de Filipe. Diafebus estava tão familiarizado e tão à-vontade entre as donzelas como se houvesse sido criado entre elas toda a sua vida.

Quando viram entrar Tirant, puseram-se todas de pé e deram-lhe as boas-vindas. Fizeram-no sentar-se no meio delas e falaram sobre muitas coisas.

A Imperatriz chegou toda vestida de veludo escuro. Afastou-se com Tirant e perguntou-lhe se já estava melhor. Tirant respondeu-lhe que já estava perfeitamente. Pouco depois chegou a Infanta com um vestido da cor do seu nome⁸, forrado de marta zibelina, aberto nos flancos e com mangas largas; trazia na cabeça, sobre os cabelos, uma pequena coroa com muitos diamantes, rubis e pedras mui valiosas. O seu ar gracioso, com a sua beleza infinita, mostrava bem

⁸ Isto é, carmesim, pois a Infanta chama-se Carmesina.

que era merecedora de senhorear todas as demais damas do mundo, assim a fortuna a quisesse ajudar.

Tirant tomou a Imperatriz pelo braço, pois, como era capitão-mor, tinha precedência sobre todos os outros; havia ali muitos condes e marqueses, homens de grande estado, que quiseram tomar a Infanta pelo braço, mas ela disse:

– Não quero que ninguém vá a meu lado senão o meu irmão Diafebus.

Todos se afastaram e Diafebus pegou-lhe no braço. Mas bem sabe Deus como Tirant preferiria estar perto da Infanta e não da Imperatriz. E, a caminho da igreja, disse Diafebus à Infanta:

– Senhora, olhe Vossa Alteza como os espíritos se atraem.

Disse a Infanta:

– Por que o dizeis?

– Senhora – disse Diafebus –, porque Vossa Excelência vestiu-se com uma gonela de chaparia bordada com grandes pérolas e o coração sensível de Tirant traz o que é mister trazer. Oh, como me teria por bem-aventurado se pudesse fazer com que aquele manto estivesse sobre esta gonela!

Como iam muito próximo da Imperatriz, puxou pelo manto de Tirant. Este, ao sentir que lhe puxavam pelo manto, deu um passo atrás, e então Diafebus pôs o manto sobre a gonela da Infanta, e disse:

– Senhora, agora a pedra está no seu lugar.

– Ai, triste de mim! – disse a Infanta – Estais louco ou haveis perdido completamente o bom senso? Tendes assim tão pouca vergonha para dizerdes tais coisas na presença de tanta gente?

– Não, senhora, que ninguém nos ouve, percebe ou vê – disse Diafebus. – Eu seria capaz de dizer o padre-nosso do fim para o princípio sem que ninguém me entendesse.

– Tenho a certeza – disse a Infanta – que haveis aprendido a honra na escola, onde se lê o famoso poeta Ovídio, que nos seus livros falou sempre do verdadeiro amor. E não faz pouco quem tudo faz para imitar o mestre desta ciência. E que homem afortunado seríeis se soubésseis em que árvore se colhe o amor e a honra, e conhecêsseis os costumes desta terra!





A resposta que Tirant dá à Princesa.

– A enojosa fortuna mandou dar força aos turcos só para me afastar do maior bem que neste momento posso ter, isto é, a vossa visão, motivo de alívio do meu atribulado sofrimento – disse Tirant. – O proveito de outros será grande dano para mim, que me encontro só na minha tribulação, pois grande é o conforto das pessoas atribuladas quando têm companhia na sua dor. E se até se faz o que menos deve ser feito, melhor será fazer o que deve ser feito, e já não sei como poderei aprender a sofrer tristemente o mal de amor que me está reservado. Que coisa pode ser mais contrária à minha saúde do que ver-me afastado de Vossa Alteza? Sempre ouvi dizer que as batalhas desgostam, e que tocar e cantar agradam; por isso deve ser admitida uma compensação: que vós, senhora, deveis buscar forma de levar à morte os vossos inimigos e não aquele que vos deseja servir. Sou vosso cativo e a vós submisso, mas o cativo não deve queixar-se da sua senhora. Não procuremos compensação para os antigos cavaleiros de grande apreço nem para os actuais e, pondo todos estes de lado, demos a compensação a um só de entre todos eles. Quem será digno de tanto bem? Sou eu, Tirant, o merecedor de tocar e possuir as virtudes da sereníssima Carmesina. Se me perguntardes como é que eu sei isso, responderei: porque eu sempre o quis. Mas se Vossa Majestade estiver angustiada ou desagradada, forçai a morrer por vós aquele que já forçais a viver sem vós. Sinto a coragem a fugir-me dos ossos; mas sustém-me a esperança do coração, esperança sem a qual não posso socorrer as minhas irmãs. Isto que vos digo não me vem senão do amor, porque não vivi nem vivo senão em sofrimento; por isso vos digo que estimo e agrada-me mais ficar do que ir, para poder ver todos os dias Vossa Celsitude: se ficar serei louvado, se partir serei reprovado.

A Princesa não tardou a replicar com as seguintes palavras.

Réplica que a Princesa dá a Tirant.

– Creio bem que não gostaríeis que duas coisas contrárias, como são as palavras de amor e de ódio, fossem expostas na presença dos barões e nobres cavaleiros que sentem o que é a honra, porque não ficam bem na boca de um cavaleiro. Não esqueçais, enquanto a vida vos acompanhar, que palavras dissimuladas sem obras difamam o homem; eu sei bem que não vos conseguirão dar gato por lebre. Porque quereis tanto ocupar o vosso pensamento comigo? Pois sempre ouvi dizer que honra e prazer não podem estar na mesma caixa. Não tendes de renunciar à glória e à fama da vossa honra! Fazei como o famoso Alexandre. Depois de haver vencido a batalha e matado Dario, tomou a cidade onde estavam a mulher e três filhas, e não havia no mundo inteiro três donzelas com mais beleza, discernimento e avisado entendimento, pois Deus havia-as dotado mais do que a quaisquer outras. Ao receberem a notícia da morte de Dario, a mulher e as filhas ajoelharam-se aos pés do primeiro capitão que entrou e suplicaram-lhe que não as matasse enquanto o corpo de Dario não houvesse recebido sepultura. Ao ver que elas eram tão extremamente belas, o capitão deu-lhes grande esperança, e todos os que eram sensíveis ao amor pararam mui agradados a contemplá-las. Depois de elas voltarem para os seus palácios, o capitão e muitos outros cavaleiros foram falar com Alexandre, descrevendo-lhe a enorme beleza da mãe e das filhas, e suplicando-lhe que se dignasse ir vê-las. Alexandre, movido por amor natural, respondeu que teria todo o gosto em ir e, quando já estava fora da pousada, à vista dos palácios das donzelas, voltou para trás. Os cavaleiros perguntaram-lhe porque regressava ele; Alexandre respondeu: «Tenho grande receio de que ao vê-las me sinta atraído por alguma dessas donzelas e, como é próprio da minha idade, eu satisfizesse os meus cinco sentidos corporais, abandonando o nobre exercício das armas e com ele a honra; e eu não gostaria de ver a minha liberdade cativa sob o poder de uma donzela estrangeira.» E um cavaleiro como este tinha sempre como divisa a virtude: assim gostaria eu que também fizésseis vós. Será forçoso que passeis por danos e angústias, com grande perda da vossa honra, se vos desentenderdes da virtude, e não tendes

uma escusa justa para a ofensa que me fizestes. Porque os homens invejosos da nossa boa fortuna perdem o conhecimento da sua própria força, e igualmente perdendo a nossa grande estima se torna adversa a nossa fortuna. E não digo isto com o fim de dizer palavras que vos aborreçam, mas sim pelo mal dos vossos erros, nos quais quereis perseverar. Mas, indo ao que quero dizer, eu desejaria obter de vós a graça de não perderdes por minha causa a vossa honra e fama, pois os bons cavaleiros incriminar-vos-iam de desleal e efeminado, e a mim de enganadora, pois diriam haver sido eu a perverter as vossas forças e virtudes. Por isso peço-vos que olheis para aqueles feitos nobres dos cavaleiros antigos em que o seu princípio foi bom, mas o fim foi mau. Vede os feitos de Salomão, que foi cabeça da sabedoria do mundo, e, por uma mulher, foi idólatra. Vede Sansão, que ultrapassou todo o mundo em força e tinha toda a sua virtude nos cabelos, mas foi enganado por uma mulher, que engenhou a forma de que ele lhe dissesse onde residia a sua grande fortaleza, ele disse-lhe e ela, assim que lhe cortou os cabelos, pô-lo nas mãos do inimigo, pois ele havia perdido a força. Vede o rei Davíd e o que lhe aconteceu; e o nosso pai Adão, que quis desobedecer ao mandamento de Deus para ir comer o fruto proibido. Vede Virgílio, que foi um poeta tão grande, que foi enganado por uma donzela que o fez estar pendurado num cesto durante uma noite e um dia à vista de todo o mundo, e, se bem que a sua vingança fosse depois mui grande, para ele sobrou a vergonha. Vede Aristóteles e Hipócrates, grandes filósofos, todos foram enganados por mulheres, e muitos outros de quem evito falar para não ser prolixa. Como sabeis vós se eu não estou provida de tanta astúcia como elas e vos demonstro grande amor e falsa vontade para provocar a alteração do vosso bom carácter e sentimento, ou se não a utilizo para que vós, vencedor de batalhas, libertásseis todo o nosso império e sob o nosso domínio? Vede, Tirant, senhor, o que ides fazer; e não queirais amar alguém tanto que deixeis cativas a vossa honra e fama, e percais a glória de tantas vitórias que obtivestes e podereis ainda obter. Porque não é bom que, por uma donzela, queirais perder tamanho bem, e posso dizer-vos que não há coisa mais secreta no mundo que o coração de uma donzela, pois diz com a língua o contrário do que tem no coração. Se vós homens conhecêsseis a nossa vil prática, não haveria no mundo nenhum que nos pudesse apreciar, senão pela vossa

magnanimidade; e porque é natural os homens amarem as mulheres. Mas se conhecêsseis os nossos defeitos, jamais poderíeis querer-nos bem, o vosso apetite natural é que vos empurra de tal modo que nem distinguís o direito e o avesso. Por isso vos peço, pelo muito que vos quero, que não seja uma dona nem uma donzela a fazer-vos cair no erro. Não sabeis o que diz o sábio Salomão? «Três coisas são para mim difíceis de conhecer e mais uma quarta, que não compreendo: a via da nau no mar, a via do pássaro no ar, a via da serpente na rocha, e a via do jovem na sua juventude qual será.»⁴⁶

E estes são os versos:

Quando vires sobre a rocha
O rastejar da serpente,
Da mulher conhecerás
Todo o seu entendimento.
Do pássaro ninguém sabe
Voando onde ele pousará,
Nem se do jovem o fado
bom ou mau ele será.

Por isso vos digo, Tirant, que abandoneis o amor e conquisteis a honra. Não o digo para que o abandoneis de todo, porque em tempo de paz o homem sente com ele grande alegria, e em tempo de guerra é forçado a sofrer canseiras e angústias. Vede os romanos, que exerceram a monarquia sobre o mundo porque a correcta virtude do coração provém da sabedoria. E tudo o que eu disse acerca dos feitos gloriosos que eles realizaram, ainda muita tinta haverá de correr; contudo, apesar de eu dizer que deveis partir, não quer dizer que a minha alma não sofra incomensurável dor pelos grandes perigos que nas armas costumam surgir. Pelo que suplico à bondade imensa de Jesus Cristo que vos dê vida honrada e o paraíso depois da morte, pois tal como o Deus Altíssimo e Senhor ordenou e deseje que todas as coisas do mundo estejam subordinadas ao homem, como o

⁴⁶ Provérbios, 30,18-20.

maior e melhor em dignidade e excelência, assim eu vejo a vossa próspera pessoa, a dormir ou acordada, a sair sempre vencedora de todas as coisas. Até me parece que vejo no meu entendimento que eu estava lá quando Deus vos fez, e eu dizia-lhe: «Senhor, fazei-o assim, que é como eu o quero.»

Terminando a Princesa, Tirant começou logo a falar.

CLXXIII.

Resposta que Tirant dá à réplica da Princesa.

– Imortal senhora, o inimigo sábio estuda e analisa sempre como é que pode enganar o seu inimigo, e contraria o seu amigo louco menosprezando as nobres virtudes e as miseráveis forças do seu corpo, que alimentam a esperança de dor infinita. Para além do meu desejo imenso de ver e servir Vossa Majestade, vós fazeis com que eu seja mais do que homem e quase Deus, elevando-me a um tão alto grau que as coisas da terra surgem à nobre visão do meu entendimento como tão pequenas que, sem a Vossa Celsitude, eu olho para elas com fastidioso menosprezo. Não me darei ao trabalho de referir os actos e a virtude que Vossa Alteza possui; mas não quero esconder a verdade da minha demanda, isto é, os beijos de amor: se eu pudesse tê-los todos os dias, poderia ser chamado o mais glorioso e colocado na mais alta das hierarquias. Por isso não posso estar de acordo com o que Vossa Celsitude disse, que nós temos mais dignidade e excelência; eu digo, falando sempre com a vénia e perdão, que não vos outorgaria tal conclusão, pois por todos os doutores, assim antigos como modernos, foi declarado precisamente o contrário, dando maior excelência às mulheres do que aos homens. E posso na verdade demonstrá-lo com ditos da Santa Escritura, e nada mais nada menos que os quatro evangelistas, que não podiam mentir, porque eram iluminados pelo Espírito Santo, que narram nos seus evangelhos que Jesus Cristo, quando ressuscitou, primeiro apareceu à mulher e não ao homem; pelo que seria razoável que a mulher tivesse maior excelência, sabendo a Divina Bondade que pela vossa grande virtude éreis merecedoras de tanta honra. Primeiro

apareceu à Sua Sacratíssima Mãe e a Madalena, e não aos apóstolos, porque sabia que eles não eram merecedores de precedência em relação às mulheres, e por causa disso sempre seriam julgadas como melhores e de maior dignidade. E para fortalecer melhor o que eu disse sobre a dignidade que vos corresponde, quando Deus Nosso Senhor criou o homem, formou-o com o barro da terra, e formou a mulher da costela do homem, que é matéria mais pura; por aqui se demonstra que ela foi criada de uma coisa mais nobre do que foi o homem⁴⁷. E para além das autoridades da Santa Escritura, a experiência mostra que, quando a mulher lava as mãos e depois as torna a lavar, não dando tempo a que elas enxuguem, a água que sai será muito mais clara e limpa. Fazei lavar as mãos a um homem e que as torne a lavar sem tocar em nada, e vereis que a água que sai está turva e suja, por mais vezes que as lave. E assim se demonstra que o homem atrai o semelhante de que é formado, e jamais pode dar senão o que tem. Pelo que fica suficientemente provado que a mulher é de maior dignidade e excelência que o homem. E poder-se-ia apresentar muitas outras justas alegações, mas deixo-as para outro dia.

Nisto chegaram os médicos e a Imperatriz acabou de rezar as horas e aproximou-se de Tirant e perguntou aos médicos quando dariam licença ao Capitão para que ele pudesse ir até ao palácio.

– Senhora – responderam os médicos –, dentro de três ou quatro dias ele poderá ir.

A Imperatriz saiu junto com as damas e Tirant ficou com os médicos. Só Deus sabe quanta dor sentia a alma de Tirant quando a Princesa se foi embora.

Já no seu aposento, e reflectindo nas palavras que Tirant lhe havia dito, a Princesa sentiu o seu coração invadido de doçura pelo desmedido amor que lhe tinha; e foi de tal modo que ela perdeu os sentidos e caiu por terra desfalecida. Quando as donzelas a viram naquele estado, todas gritaram em tão altos brados que chegou aos ouvidos do Imperador, o qual correu a passos largos, pensando que todo o mundo se desmoronava.

Quando viu a sua filha no chão como morta, lançou-se sobre ela com o maior choro do mundo. A mãe havia posto a cabeça da filha no seu regaço e sol-

⁴⁷ Ideia expressa por Santo Isidoro em *Etimologias*.

tava gritos e choros tão lancinantes que se ouviam por todo o palácio, e tinha a cara e as vestes encharcadas pelas lágrimas. Foram prontamente comunicar o ocorrido aos médicos que estavam na pousada de Tirant. Um cavaleiro foi e, em segredo, disse-lhes:

– Vinde depressa, senhores, que a senhora Princesa está tão mal que vão ter de correr para chegardes a tempo de encontrá-la viva!

Os médicos largaram a ceia de Tirant e foram, com passos apressados, ao aposento da Princesa. O coração sensível de Tirant pressentiu imediatamente que alguma coisa havia acontecido à Princesa, pelos grandes gritos de homens e mulheres que ele ouvia, e ficou firmemente convencido disso.

Levantou-se a toda a pressa, assim doente como ele estava, foi ao aposento da Princesa e encontrou-a já refeita e deitada no leito. Soube que os médicos haviam posto toda a sua diligência em restaurar-lhe a saúde. Quando o Imperador viu que a sua filha já estava completamente recuperada, voltou para os seus aposentos com a Imperatriz, e os médicos acompanharam-no, ao vê-lo tão abalado pelo que havia acontecido à filha. Tirant entrou no aposento com aspecto de homem desesperado e viu-a deitada no leito, aproximou-se dela e, com rosto mui alterado e voz piedosa, começou assim a falar.

CLXXIV.

Como Tirant perguntou à Princesa qual havia sido a causa do seu mal.

Jamais senti maior dor do que esta que senti e sente a minha desventurada pessoa ao pensar que havia perdido o maior bem que tenho a firme esperança de possuir neste mundo. Muito me tarda saber que mal ingrato provocou tanto sofrimento à vossa excelsa pessoa; e se esse mal pudesse pegar em armas, juro-vos pelo baptismo que recebi que combateria contra ele e dar-lhe-ia tão grande castigo que ele jamais teria o atrevimento de fazer sofrer Vossa Majestade. A imensa Bondade Divina houve mercê e piedade de mim, e aceitou as minhas justas pre-

ces, apesar de eu ser um grande pecador, para que, considerando a minha vida atribulada, vós sejais o prémio da minha vitória; pois para mim é pior a vida do que a morte, vendo Vossa Celsitude no estado a que chegastes. Eu ouvia gritos e não percebia o que me provocava tanta dor e tristeza, e pensei logo em Vossa Majestade; mas eu dizia para mim mesmo: «Se ela estiver mal, mandará alguém dizer-me.» Mas foi necessário eu ter o pressentimento de que Vossa Celsitude estava mal. Sei que Vossa Alteza me abandonou; mas se assim tiver de ser, suplico à imensa bondade de Jesus Cristo que me livre disso fazendo com que eu morra primeiro, para que eu não tenha de cometer contra a minha pessoa um acto tão feio que me faça perder o corpo e a alma. Não saber a causa de vossa excelsa pessoa estar em tão grande angústia tira dos meus olhos a alegria de vos ver. Tenho o direito de saber; e jamais terei alegria enquanto não sair desta dúvida.

A Princesa não tardou em começar a dizer as palavras que se seguem.

CLXXV.

Resposta dada pela Princesa a Tirant.

– Peço-te, Tirant e senhor de mim, não permitas que a minha esperança seja vã, pois só tu foste a causa do meu mal, e foi por pensar no teu amor que o mal me assaltou. E o amor já manda mais em mim do que eu gostaria; e é verdade que eu gostaria mais que este amor se mantivesse secreto até termos um tempo de alegria em que não entrem os meus temores; mas já demonstrei na prática que tenho grande dificuldade em mantê-lo secreto, pois quem pode esconder o fogo sem que as suas chamas deitem fumo? As palavras que te digo são mensageiras da minha alma e do meu coração. Peço-te, portanto, que vás ver o Imperador, e que ele não saiba que me vieste ver antes que a ele.

Meteu a cabeça debaixo da roupa e disse a Tirant que fizesse o mesmo.

– Beija-me os seios, para meu consolo e sossego teu.

E ele de muito bom grado obedeceu. Depois de lhe beijar os seios, beijou-lhe os olhos e a cara, e ela disse:





terra para qualquer lugar que fordes, tanto na guerra como na paz, servir-vos-á na vossa tenda de dia e de noite e jamais pensará noutra coisa senão em poder contentar a vossa virtuosa pessoa.

– Dizei-me, senhora – disse Tirant –, e que Deus conserve a vossa honra, quem é essa dama que me prestaria serviços tão assinaláveis como vós dizeis?

– Oh, triste de mim! – disse a Viúva –, não disse bastante? Porque me quereis aumentar a dor que já tenho? Não queirais dissimular o que mui claramente entendeis; eu esforcei-me por encontrar a melhor hora para vos manifestar, sem ser por intermédio de ninguém, a dor que tenho escondida há tanto tempo, desde aquele doloroso dia em que entrastes nesta cidade. E quer-me parecer que vos expus bastante claramente a minha intenção, e bem se deve ter por afortunado o cavaleiro a quem é outorgado semelhante dom.

Sem mais demoras, Tirant deu-lhe a seguinte resposta.

CCLXVII.

Resposta que Tirant deu à Viúva Repousada quando esta lhe declarou o seu amor.

– Para dar satisfação à vossa pergunta, decido responder às vossas gentis palavras, e aborrece-me não poder corresponder-lhes, pois vieram carregadas de muito amor. O meu espírito ferido de vida tão enamorada já não tem liberdade para poder fazê-lo, pois tenho o meu livre arbítrio aprisionado; e supondo que eu quisesse tentar libertá-lo, os meus cinco sentidos corporais não o consentiriam. Por pouco ausente que eu esteja, eles lutam com tanta força contra o meu pensamento que só o arrependimento habita em mim; e agora sei o que é amor, pois antes não sabia. A quem me afastar de Sua Alteza, que eu o veja afastado de todo o bem; e para não atormentar mais o meu atribulado pensamento, peço-vos, senhora, que vos digneis colocar todo o vosso pensamento noutro cavaleiro, pois encontrareis inúmeros de mais coragem e virtude, de mais dignidade e senhoria do que eu. E falo-vos com toda a verdade, que se eu depositasse em vós

o meu querer como deposei naquela que merece usar a coroa do mundo, também não seria capaz de vos fazer ofensa alguma. E por isso deveis agradecer-me, pois se eu fosse outro, e por vós serdes tão gentil dama, poderia prometer-vos muito e dar pouco, e faria com que vísseis amarelo onde era branco, só para num lugar secreto poder conhecer a vossa gentileza. E penso que, se aquele que vos amasse vos deixasse por outra, vós não conseguiríeis suportá-lo com paciência. Mas reconheço em vós muitas virtudes, que sois digna de muito louvor, posto que com singular honestidade subjugastes os vícios, seguindo as virtudes.

E nada mais lhe disse. A Viúva não tardou em desenhá-lo, com ânimo esforçado, as seguintes palavras.

CCLXVIII.

A Viúva replica a fala de Tirant.

— Não tentei tornar as leis divinas iguais às humanas, e só com grande fadiga consegui orientar a minha língua, por eu ignorar o que devia ignorar, isto é, para conhecer claramente os factos e se vós tínheis peso e medida no vosso bem-querer; se assim for, ganhareis o prémio que a vossa virtude merece. Mas tudo o que eu vos disse não foi senão para pôr à prova a vossa paciência, e para que saibais, senhor Tirant, quanto vos desejo servir, e para que, graças à minha indústria, vos faça conhecer todas as coisas que não conheceis, e que não vos sintais decepcionado na vossa opinião com os actos da Princesa, que se despojou de toda a piedade, e da sua honra e da do pai e da mãe, sem ver se estava certo ou errado. Conhecendo ela um cavaleiro assim tão valente e virtuoso como vós, além de muitos outros que dela estão enamorados, poderia haver satisfeito honestamente os seus apetites, mas o pecado por ela cometido (e que comete todos os dias) é abominável aos céus, à terra, ao mar e às areias. E como a benignidade de Nosso Senhor permite e não pune imediatamente tão nefando crime de adultério! Se vós soubésseis como eu sei, cuspir-lhe-íeis na cara, e, por causa dela, também a todas as mulheres que há no mundo. Mas, porque quero eu



enaltecer com palavras supérfluas um crime tão hediondo? O qual, dito claramente, é tão cruel e espantoso que maior assombro é impossível; os que ouvirem falar dele não conseguirão dormir de grandes perturbações nem comer calmamente. Depois de haver despendido muito tempo do meu sofrido viver ao seu serviço, os meus pensamentos exaustos vestiram-se de luto; por isso a minha dor não permite que o encubra eternamente. É um erro, que muitas vezes se encobre com a dissimulação de palavras honestas, e os maus alegram-se com o seu pecado. É verdade que há muitas formas de pecados: uns são veniais, outros são mortais, mas este é tão grave que a minha língua, cansada de tanto falar, já não tem forças para o descrever. Uma coisa é certa: a lei manda que as mulheres observem a honestidade, e, se não o fizerem, que recebam punição, mormente as casadas; e se o pecado for cometido, ao menos que não seja com homem fora da lei⁵⁹, porque o pecado que é cometido contra a lei é mui abominável a Deus, e é mais feio nas donzelas. Todavia, se a Princesa quiser dizer que ela foi enganada por ignorância, sob a aparência de bem, e disser que não tem culpa e não foi senhora de si, não há lugar para essa razão, porque ninguém pode ignorar as coisas que são de pública infâmia e desonestidade; por isso se prestam honras redobradas às donzelas, e penas quando fazem o contrário. Porque o princípio da virtude reluz em nós, e os vícios prontamente se tornam públicos a todos. Por isso, se quiserdes acreditar em mim, afastai-vos dela o mais depressa que puderdes, que será coisa mui louvável para vós, pois ela anda envolvida com Lauseta, é assim que ele se chama, escravo negro, comprado e vendido, mouro de nascimento, hortelão que costuma cuidar do horto. Vossa Senhoria não pense que tudo o que vos contei é pura fábula, pois se mo agradecerdes e mantiverdes em segredo, far-vos-ei ver o que digo com os vossos próprios olhos corporais. Esquecendo-se da prática da virtude, abandonando a companhia de reis, duques e grandes senhores, há longo tempo que ela me faz viver com este enorme sofrimento. Por isso, isto não é coisa que a minha língua devesse relatar, mas a grande desonestidade que ela comete força-me a dizê-lo; porque, por mais que eu lhe diga, ela não aceita. No outro dia vi-a de barriga grande. E que mais vos

⁵⁹ Contra a lei divina, ou seja, pagão.

posso dizer desta sorte? A sua boca só com esforço tomava algum alimento, o dormir não lhe era agradável e a noite parecia-lhe um ano. Se ela sentia dor, o meu coração lamentava-se: a cor estava ausente do seu rosto, a magreza havia debilitado os seus membros, quantas e que ervas não fui colher e com mão experiente lhe apliquei para destruir a prenhez do seu ventre, digno de grande infâmia! Ai, triste, que o pobrezinho foi punido com o meu pecado! E o seu corpo, que não foi enterrado, fez a sua viagem rio abaixo. Que outra coisa melhor podia eu fazer, para que tal neto não chegasse a ser visto pelo Imperador, seu avô? Ela tem o prazer, se assim se pode dizer, e eu transporto a culpa. Por isso me convém que vo-lo diga, para que não vos queirais perder totalmente nem afogar-vos em turva poça de óleo malcheiroso. As outras coisas escondo-as, para não ser prolixa, mas gostaria que vós, que tendes o ceptro da justiça, lhe désseis condigna pena, para a afastar de tão grande erro. Eu muitas vezes digo-lhe: «Minha filha, está na hora de resistir a tão grande mal; expulsa de ti toda a espécie de vileza e amor corrupto, e sentir-te-ás segura e vencedora; e podes ver, minha filha, como a nobreza do teu parentesco, a fama da tua virtude, a flor da beleza, a honra do mundo presente e todas as outras coisas que pertencem a uma donzela de tanta dignidade te devem ser caras, e sobretudo a graça de um enamorado assim que te deseja servir e amar como esposa mais do que a qualquer outra mulher deste mundo. E desejas perdê-lo por causa deste negro! Porque não deves gostar dele, e penso que daqui para a frente também não gostarás, se fores inteligente, mormente se te aconselhares contigo própria; portanto, esquece os falsos prazeres permitidos pela suja esperança, expulsa-os de ti!» Digo-vos, senhor Tirant, de nada serve o que eu lhe digo. Só um milagre de Deus conseguiria que ela parasse. E daqui em diante já nenhum bom pensamento poderá encontrar aceitação nela.

Não demorou Tirant, apesar de toda a melancolia que sentia, a começar a falar.

Tirant replica à Viúva, desconhecendo a sua maldade.

– Oh, negra cegueira dos que amam desordenadamente! Com que ânimo, com que solicitude e diligência trabalham para se perder ao mesmo tempo a alma e a vida! Oh, forte temor daqueles que, receando, temem os perigos de viver e morrer viciosamente, e com ânimo invencível e sensato abandonam a vida por amor aos céus! Estas palavras, senhora Viúva, penetraram no meu mísero coração, e provocam-me as maiores dores que alguma vez senti, e esta foi a primeira vez que tais dores não fazem agravar a minha vida. Mas pela desordem que me referis, daqui em diante, se for vivo, passarei toda a minha vida em lágrimas infundáveis, e embora não seja meu costume, todos os meus dias serão sem consolo algum. Chegado a este ponto, mil tipos de pensamentos acorrem à minha mente e quase todos se resumem a um só, isto é, já que ela ama outro, eu dou cabo da minha pessoa atirando-me desta torre abaixo, ou fazendo companhia aos peixes nas profundezas do mar. Pelo que vos peço, virtuosa senhora, que vos digneis fazer com que os meus olhos vejam a causa da minha dor, porque eu não conseguirei ter fé nenhuma em palavras que são tão contrárias à razão natural, pois tenho por impossível que o seu corpo celestial colocasse a sua beleza à disposição de um negro selvagem, e todos saberiam que a beleza de Sua Majestade seria um exemplo miserável para quem deseja viver virtuosamente. Oh, tu, senhora Princesa! Onde está agora o teu pensamento? Vem e ouvirás o que dizem de tua alteza. Eu não acredito, e que Deus não me deixe acreditar, que tal falta possa ser cometida por mulher que tenha alguma estima pela sua honra, nem que tal coisa lhe possa passar pela ideia, e que o teu coração, esteja onde estiver, ouça o que dizem de tua alteza. Oh, senhora Princesa, só tu és a minha bem-aventurança!

E do peito de Tirant escapou um suave suspiro acompanhado destas palavras:

– Oh, piedosa fé! Oh, reverendíssima vergonha! Oh, castidade e pudicícia inestimável das donzelas honestas! Haverá pessoa no mundo que queira ou possa, por parentesco de sangue ou por grande amizade, amar-te assim tanto como eu? Crês mal se assim acreditas em vão que alguém te ama como eu. Portanto, se te amo mais, mais piedade mereço.

Calou-se e nada mais quis dizer, e a Repousada Viúva ficou mui preocupada, porque Tirant não havia acreditado plenamente nas suas fingidas palavras.

Estando eles na conversa atrás referida, entrou no aposento o Imperador e viu ali Tirant; pegou-lhe na mão e foram os dois para um aposento falar sobre os acontecimentos da guerra. A Viúva ficou sozinha e começou a dizer para si mesma:

«Posto que Tirant não deu crédito às minhas palavras, não haverá lugar ao engano que eu havia principiado; mas farei de tal modo que o obrigarei a aceitar o que desejo, nem que eu tenha de entregar a própria alma ao diabo para conseguir o que pretendo, pois de outra maneira eu nunca mais terei coragem de olhar para ele, e não seria de admirar que ele fosse dizer à Princesa, e nesse caso ficaria eu com a maldade... Mas quero esperar aqui até ele sair do conselho junto com o Imperador – e continuou a dizer para si: – Oh, ira antiga! Podes ter a certeza que te seguirei para onde fores jurando que toda a piedade será posta de lado e prosseguirei na bem-aventurada obra por mim começada, para que não perca o prémio e a virtude da minha gloriosa fama. Portanto, porque demoro tanto se nada tenho a perder? Pois sou poderosa e hábil para cometer semelhante maldade, e até maior do que esta. Apenas me dói, para dar cumprimento ao meu delito, não haver começado há dias tão singular acção.»

Entrou com toda a fúria no aposento onde estava a Princesa; com risadas fingidas mostrou-lhe a corrente de ouro que Tirant lhe havia dado, e que pesava mais de dez marcos, dizendo-lhe:

– Se vísseis, senhora, a última vontade dele, iríeis ficar admirada, pois queria que eu consentisse no grande crime que ele quer cometer: quer mandar preparar uma galera e, de noite, à força, tomar-vos e levar-vos para a terra dele. E diz isto tudo como quem tem a boca cheia de água e sopra para o fogo pensando acendê-lo, mas em vez disso apaga-o com a água – mentia e dizia estas palavras com ar de troça.

A Princesa, ao ver que ela troçava de Tirant, ficou mui aborrecida no seu interior, saiu dali e entrou na sua recâmara. Começou a pensar muito em Tirant pelo grande amor que lhe tinha e nos grandes presentes que ele dava às suas donzelas por sua causa. Ao pensar no imenso amor que sentia por ele ainda ficava mais pensativa e amargurada. Depois de muito pensar, penteou-se e saiu

para o quarto de vestir para falar com Tirant e estar na sua companhia pois sabia que em breve ele partiria para o acampamento.

A Repousada Viúva esperou à porta do conselho por Tirant, e disse-lhe:

– Senhor Capitão, gostaria que Vossa Mercê me garantisse que nem por brincadeira nem a sério a minha senhora Princesa saberá o que eu vos disse em grande segredo, pois não passarão vinte e quatro horas sem que eu vo-lo faça ver com os vossos próprios olhos.

– Senhora Viúva – disse Tirant –, agradecer-vos-ei imenso que mo façais ver. E para que estejais tranquila em relação a mim, prometo-vos pelo bem-aventurado senhor São Jorge, sob cujo nome recebi a honra de cavalaria, que a ninguém deste mundo eu revelarei nada do que me dissestes.

O Imperador virou-se e viu a Viúva, a quem disse:

– Ide depressa dizer à Imperatriz e à minha filha que venham imediatamente ao horto, onde estarei à espera delas.

As damas compareceram prontamente onde estava o Imperador, e aqui falaram todos sobre muitas coisas e de como o Imperador havia mandado vir do acampamento dois mil lanceiros para acompanharem o Capitão. A Princesa, quando ouviu tal notícia, ficou completamente alterada e, fingindo que lhe doía a cabeça, disse:

– Apesar de o Capitão estar aqui presente, não vou deixar de soltar os cabelos diante dele.

Tirou tudo o que tinha na cabeça e soltou os cabelos, os mais belos que alguma vez uma donzela teve. Quando Tirant a viu tão resplandecente ficou deslumbrado e redobrou o seu querer. Naquele dia a Princesa estava vestida com um brial de damasco branco, e sobre o brial trazia uma tabardilha de tecido francês, e as costuras eram de largas tranças de ouro; naquele momento tinha as mãos mui ocupadas com o cordão do brial, que desfazia a toda a pressa, demonstrando grande angústia, a passear sozinha pelo horto. O Imperador perguntou-lhe o que lhe doía, se queria que chamasse os médicos. Ela respondeu que não, que:

– O meu mal não precisa de médico nem de medicina.

Nisso a Viúva Repousada levantou-se de onde estava sentada e, levando consigo uma companheira e dois escudeiros para que a acompanhassem, foi a casa de um pintor e disse-lhe:

– Tu, que és o melhor pintor que existe na arte da pintura, serias capaz de pintar uma cara cor de carne, como eu quero, em couro fino e negro, e que fosse igual a Lauseta, o hortelão do nosso horto, com pêlos na cara, uns brancos e outros pretos? Poderão ser fixados com cola; como estamos perto da festa do Corpo de Deus e gostaria de participar no entremez, e com luvas nas mãos, para que tudo possa parecer negro.

– Senhora – respondeu o pintor –, isso pode muito bem ser feito, mas agora tenho muito trabalho. Mas se me pagardes bem, contentarei a vossa vontade, e deixarei de lado tudo o que tenho para fazer a fim de ficardes servida.

A Viúva meteu a mão na bolsa e deu-lhe trinta ducados em ouro para que tudo corresse bem. E fê-lo exactamente como Lauseta.

Depois de algum tempo a passear no horto, a Princesa viu Lauseta a estrumar uma laranjeira, pois ele tinha a responsabilidade de tratar do horto, e parou para falar com ele. A Viúva, que já havia regressado e estava a olhar para Tirant, fez um sinal para que este visse a sua senhora a falar com o negro Lauseta. Tirant virou-se, pois estava ao lado do Imperador, viu a Princesa numa grande conversa com o negro hortelão e disse para si mesmo:

«Oh, esta pérfida mulher e Viúva reprovável! Com as suas falsas artimanhas, ainda vai fazer com que eu acredite que é verdade o que ela me disse! Por mais que ela faça e diga, não é presumível que a Princesa faça tão grande falta, e não lhe darei qualquer crédito se não vir com os meus próprios olhos.»

Nisso o Imperador chamou uma donzela e disse:

– Anda cá, Praxides – era assim o nome dela –, vai ali à minha filha e diz-lhe que chame o Capitão e lhe diga que ela lhe pede que parta rapidamente para o acampamento, pois acontece muitas vezes que os cavaleiros jovens fazem mais pelas donzelas do que por si mesmos.

A Princesa respondeu que o faria, pois Sua Majestade lho ordenava. Depois de estar bastante tempo a falar com Lauseta sobre laranjeiras e murteiras, voltou à sua distracção de passear no horto e, quando chegou perto do Imperador, chamou Tirant e disse-lhe que estava mui cansada, que a segurasse pelo braço e fossem os dois assim passear pelo horto. Só Deus sabe do consolo de Tirant por a Princesa lhe pedir os seus serviços. Quando se afastaram um pouco, Tirant começou a falar com palavras deste estilo.

CCLXX.

Palavras de amor que Tirant dirige à Princesa.

– Oh, eu poderia considerar-me o mais bem-aventurado de todos os cavaleiros se em Vossa Majestade houvesse tanto amor como referis nas vossas palavras, e eu viveria contente e em festa contínua! Mas a minha má fortuna dá a volta à roda, pois em Vossa Alteza não se encontra firmeza alguma e, quando parece mais próspera, logo a vejo subitamente mudar. E a dita fortuna mostra-se enojada comigo, porque me mostra boa cara mas as obras são contrárias, e até nas coisas boas ela encontra leis para mas afastar de mim. Por isso, na minha mente permanece apenas a recordação da vossa imagem, que contemplo dia e noite. E, se aprouver à fortuna ser mais suave comigo, que me permita só que eu possa obter parte do prémio que desejo ardentemente, e eu sentir-me-ei o cavaleiro mais glorioso que alguma vez neste mundo haja nascido; e a pouca esperança que em vossa excelência ainda me resta animou-me. Porque, se os miseráveis forem ouvidos por Vossa Alteza, alguma vez conseguirão a remissão das suas faltas. Por isso vos suplico que vos digneis abrir os vossos piedosos ouvidos aos meus justos pedidos, pois quem é nobre de linhagem e virtuoso nas obras não deve manter em si a crueldade, que não é própria senão das pessoas más.

Mas a virtuosa senhora guardava com muita paciência dentro de si a dor, como se ela não existisse, e, com o espírito cheio de angústia, deu assim a sua resposta.

CCLXXI.

Resposta que a Princesa dá a Tirant.

– Não se consegue descrever os sofrimentos com que o amor atormenta a minha mente atribulada, pois o fim de um mal é para mim o princípio de outro. Eu sou tida por uma bem-aventurada no amor, por não conhecerem as minhas misérias, e passo trabalhos em vãos pensamentos para ornar a minha ju-

ventude, e sofro penitência por um mal que não fiz. Eu não estava acostumada ao sofrimento que agora o amor me dá, e menos ainda aos trabalhos que a minha alma agora suporta. Por isso, para que os meus males tenham fim e a minha mente tranquila esteja mais descansada, com palavras de compromisso darei segurança à tua pergunta. Dá-me a tua mão direita para a juntar à minha – e, uma vez juntas as mãos, disse a Princesa: – Para que isto seja um matrimónio verdadeiro, vou dizer as palavras de presente⁶⁰: eu, Carmesina, dou o meu corpo a vós, Tirant lo Blanc, como esposa fiel, e recebo o vosso como marido fiel.

E as mesmas ou semelhantes palavras disse Tirant, segundo o costume. Depois a Princesa disse:

– Beijemo-nos em sinal de fidelidade, pois assim mandam São Pedro e São Paulo, a quem neste momento tomamos como testemunhas da verdade; e a seguir, em nome da Santa Trindade, que é Pai, Filho e Espírito Santo, dou-te plena potestade para que uses de mim como mulher que é companheira do marido. Prometo aos santos testemunhas, São Pedro e São Paulo, e com a esperança desta promessa segura podes crer que tens em mim esposa e castidade. E juro-te pelos santos nomeados que, enquanto durarem os teus dias e os meus, não trocarei a tua pessoa por nenhum outro homem deste mundo, e ser-te-ei sempre fiel, verdadeira e sem mácula alguma. Tirant, senhor, nunca duvides de nada do que te disse, pois ainda que alguma vez eu me mostrasse cruel contigo, não quero que penses que o meu espírito não esteve sempre de acordo com o teu; e sempre te amei e contemplei como um deus e posso muito bem dizer-te que assim como aumento em idade, também aumento em amor. Mas o medo da infâmia faz-me guardar a honra da castidade, que deve ser bem guardada pelas donzelas, para que possam chegar puras ao tálamo abençoado, e assim a quero conservar eu todo o tempo que aprouver à tua senhoria. E agora chegou o tempo em que poderás ter pleno conhecimento de que te amo, porque de hoje em diante quero dar-te o prémio do amor que sempre me tiveste; e peço-te por favor que descanses com a boa esperança e conserves a minha honestidade como

⁶⁰ «Per verba de praesenti», disposição canónica de reconhecimento do matrimónio por mútuo consentimento ou acordo entre as partes, frequente na Idade Média em matrimónios secretos, ou clandestinos (Veja-se A.H. de Oliveira Marques, *A Sociedade Medieval Portuguesa*, p. 126).

um bem tão precioso como a tua vida. De entre todos os males, o que mais me atormenta é a ausência que por alguns dias terei de ti, e por isso não tenho alegria para te mostrar o amor infinito a que me sinto obrigada pelo teu justo merecimento, pelo que esperarei o momento em que sem medo te possa mostrar quão pouco prezo a minha vida.

Calou-se e nada mais disse. Porém, Tirant, demonstrando estar mui feliz pelo bom consolo e graça singular que havia recebido da Princesa, com rosto afável e atitude humilde disse-lhe as palavras seguintes.

CCLXXII.

Como Tirant recebe o juramento da Princesa em como realizaria o matrimónio.

Com alegria de inefável gozo ficou a alma de Tirant quando se viu a caminho de possuir a coroa do Império Grego através dos novos esponsais, vendo como a excelsa senhora lhe havia querido demonstrar com tanta liberalidade e amizade o infinito amor que tinha por ele e o havia tratado com verdadeira confiança e espírito sincero. Com a glória que sentia, para Tirant conquistar o mundo não era nada, e tinha grande desejo de o dizer ao seu primo direito Diafebus, duque da Macedónia, calculando que, tal como ele, também os outros deveriam alegrar-se com o seu contentamento. E ainda, para maior segurança sua, pegou num relicário que trazia consigo e onde havia um pedaço do *Lignum crucis* em que o Filho da casta donzela havia colocado as suas preciosas costas e disse à Princesa que pusesse as mãos nele, fazendo-a jurar que pedia o matrimónio com fé pura e intenção sincera. Ela fez o juramento com muita alegria, e Tirant disse-lhe:

– Senhora, Vossa Majestade pede que haja igualdade neste matrimónio para viverdes segura em relação a mim, por isso faço idêntico juramento de vos ser fiel e verdadeiro e de não vos esquecer por nenhuma outra que possa existir no mundo.



A Princesa renunciou a todas as leis imperiais e a todas as coisas que a pudessem beneficiar a ela e prejudicar a ele.

Feito tudo o que acima se disse, Tirant ajoelhou-se no duro chão e quis beijar-lhe as mãos, pois temia mais ofendê-la do que a qualquer santo; mas ela não o permitiu, e ele deu-lhe graças infinitas pela graça que dela havia obtido. Esperando ouvir outra vez de Sua Majestade palavras que manifestassem o novo estado da sua vida, a princesa começou imediatamente a falar da seguinte forma.

CCLXXIII.

Réplica que a Princesa dá a Tirant.

— Ainda que a minha pouca idade e temor de me ver envergonhada me tenham contido até aqui, pois não podia nem tinha o atrevimento de vos poder expressar todo o meu querer, vejo-me forçada a outorgar-vos, com infinito amor e ao mesmo tempo pensamentos dolorosos, parte do prémio de que sois merecedor, já que para manter a minha honra e fama me reservo a parte por vós mais desejada, e que guardarei como aos meus próprios olhos. Após o triunfo da vossa próspera vitória, e com o bem-aventurado repouso, colhereis sem temor o doce e saboroso fruto de amor que se costuma colher no santo matrimónio, e que vos permitirá usar durante a vossa bem-aventurada vida a próspera coroa do Império Grego que vós, com a vossa grande virtude, reconquistastes. Suplico-vos que não vos aborreçais de tanto esperar, pois a glória e o deleite deste mundo miserável não se alcançam nem se podem alcançar senão com muito trabalho; porém, o maior deleite que a minha alma pode sentir é amar-vos, a vós que sois o maior bem que eu posso ter. Que desventurada pessoa poderá separar duas vontades tão idênticas e unidas, a não ser por vossa culpa? Gostaria de vos contar muitas coisas, mas não ousou fazê-lo com receio de que se venha a saber; e assim podeis saber quanto vos quero bem, tanto que não há no mundo que se lhe compare. O pior que a minha mente pode imaginar é quando penso na vossa ausência, que durante algum tempo não vos verei; mas pensando igualmente na firme espe-

rança que tenho do vosso vitorioso e rápido regresso, isso me acalma e dá algum remédio à minha dor. E outra coisa já não posso dizer-vos senão que mandeis em mim, como senhor que vos fiz da minha pessoa, do modo que vos aprouver.

Tirant quis dar uma satisfação à Princesa pelas suas afáveis palavras e, com voz trémula, mais de júbilo superabundante do que de dor ou temor, deu início às seguintes palavras.

CCLXXIV.

Réplica que Tirant dá à Princesa.

— Sinto-me mais feliz do que nunca, quando penso que Vossa Majestade é tão agradecida que quis aceitar os meus trabalhos, e ainda que eu servisse Vossa Celsitude em toda a minha vida o meu serviço não teria tanto valor como a vossa nobre e prendada pessoa. E apesar de a vossa idade ainda ser pouca, ela é antiga no muito saber, e de muito discernimento, como haveis mostrado claramente ao querer dar-me um prémio tão grande como é a vossa virtuosa pessoa, como recompensa de tão poucos serviços que prestei a Vossa Celsitude e, tendo em atenção a vossa grande dignidade, que não pode dar senão coisas de grande estima. E apesar de eu ter em grande conta a delicada esperança de possuir no futuro a coisa que mais desejo neste mundo, é tão grande a vontade que sinto de possuí-la agora, que cada hora me parece mil anos; e temo que, por causa dos meus pecados, jamais verei o seu fim. Pelo que muitas graças vos daria se, antes da minha triste partida, eu pudesse sentir parte de alguma centelha daquela glória singular que, com muita benignidade, me foi outorgada por Vossa Majestade, e por mim aceite, beijando-vos as mãos, e, se for possível mudar, fazer com que o tempo futuro se torne presente. Esta seria a maior graça que eu poderia alcançar neste mundo, oferecendo-vos eu o juramento de não ultrapassar os limites da vossa vontade, pois tenho-vos como deusa da minha vida, a quem adoro como a Deus, de quem espero obter a salvação para a minha alma pecadora.

Sem demora a Princesa, com atitude afável, começou assim a falar.

**Como o Imperador ordenou que se fizesse uma festa
para grande glória de Tirant.**

– Não conheço entre os mortais mais ninguém que esteja, como tu, tão cheio de amor, enraizado em boas esperanças, e os teus singulares méritos te farão triunfar neste mundo e no outro, porque trabalhas para aumentar a santa fé católica, e os teus gloriosos feitos serão para sempre recordados neste mundo. Por isso, pelo teu imenso valor, e para não te ofender, não posso resistir totalmente às tuas súplicas tão persistentes; mas, de um lado a vergonha, e do outro o temor contêm-me ameaçando-me com a infâmia, dizendo-me que evite perder o que jamais poderei recuperar. E assim estou quase alienada, que tal palavra só com grande esforço consigo que saia da minha boca, e muitas vezes receei que o Imperador soubesse, e eu dizia para mim mesma: «Este homem não tem vergonha de nada.» Tenho de me afastar da presença da tua mercê, pois não saberei como exprimir os pensamentos que tenho. Peço-te, portanto, que deixemos agora esta conversa, não vá o Imperador pensar alguma coisa de mim; vai falar com Prazerdaminhvida e eu aceitarei tudo o que vós os dois ordenardes.

Beijaram-se muitas vezes, sem serem vistos por ninguém, porque as laranjeiras estavam entre eles e o Imperador, impedindo assim a visão deste e de todos os outros.

Quando voltaram para junto do Imperador, a Princesa, ao ver o pai tão pensativo, disse-lhe:

– Meu senhor, porque estais assim tão pensativo?

– Minha filha – respondeu o Imperador –, eu quero fazer amanhã uma grande festa para honra e glória de Tirant pelas muitas batalhas que venceu na terra e no mar: que outras tantas bandeiras grandes sejam colocadas na nossa igreja de Santa Sofia; e sejam postos em torno do altar-mor tantos estandartes com as armas de Tirant como castelos, vilas e cidades foram conquistados e devolvidos à coroa do Império Grego, tudo em memória e louvor do virtuoso Tirant, que tão grande benefício proporciona a este Império, mostrando-se realmente e de facto amante do bem público e conquistador do mundo.

Isto foi posto por escrito em memória plena do virtuoso Tirant e para exemplo dos cavaleiros vivos e vindouros. O Imperador mandou chamar todos os membros do seu conselho, e contou-lhes tudo o que desejava fazer, e todos o elogiaram muito, dizendo que era boa ideia, e descobriram, ao fazer as contas, que ele havia conquistado em quatro anos e meio⁶¹ trezentas e setenta e duas vilas, cidades e castelos.

Quando o Imperador entrou no conselho e Tirant soube que era para tratar daqueles assuntos, não quis entrar e foi para a sua pousada para não ouvir aquela vanglória; por outro lado, nos conselhos dos grandes senhores há sempre muitas opiniões e ele não queria ouvir ninguém a contradizer à sua frente a opinião do Imperador. Encerrado o conselho, o Imperador mandou chamar os mestres que tinham de fazer aquela obra, para que no dia seguinte as bandeiras estivessem devidamente colocadas.

Tirant saiu do horto e disse a Hipólito:

– Diz a Prazerdaminhvida que vá ter ao salão principal, que eu tenho de falar com ela.

Hipólito levou o recado, e ela foi imediatamente para o salão. Tirant abraçou-a e, com rosto mui afável, pegou-lhe na mão e, sentados a uma janela, começou a falar com ela com palavras deste estilo.

CCLXXVI.

Pedidos que Tirant faz a Prazerdaminhvida.

– Ao teu discernimento, afável e graciosa donzela, encomendo a minha mente e vida, pois sem o teu conselho e ajuda amigáveis não sou nada; a minha mente está alienada e sem repouso, e mesmo com os olhos abertos é como se os

⁶¹ Incongruência cronológica, como outras que podem ser facilmente identificadas na obra, que se deverão, segundo alguns críticos, à intervenção tardia do «segundo autor», Joan de Galba (veja-se introdução ao 1.º volume).

tivesse fechados, desejando passar a minha penosa vida a dormir, como se diz que acontece com o glorioso São João Baptista, o qual, no dia da sua grande festa, pois todos os anos é feita uma festividade gigantesca por cristãos, mouros e judeus, e, existe a opinião, segundo se diz, de que a sua alma gloriosa dorme, para não se deixar invadir por tão grande orgulho que o faça perder algum grau da glória que tem. Assim acontece comigo neste momento pelo muito amor que sinto por aquela cujas virtudes ultrapassam a de quantas existem, a quem eu adoro e contemplo continuamente e a quem faço uma oração especial dizendo-lhe: «Oh, piedosa deusa na terra, cuja figura se me manifestou nesta sala no princípio dos meus trabalhos e fadigas, começando assim a minha inabalável paixão de amor! Dá-me fortaleza de ânimo para poder suportar as minhas dores, alivia os meus sofrimentos e põe algum remédio às minhas tribulações!» Minha irmã, vê quanto sofro por Sua Majestade, vê quantas vezes a morte cruel já estive diante dos meus olhos, vê se a minha confiança merecia assim tanto mal quanto eu venho suportando como verdadeiro amante, sem conhecer a grande perfeição de amor da minha senhora; porque já estive com Sua Alteza e trocámos muitas palavras enamoradas em paz e boa disposição, prometendo-me sob juramento fazer tudo o que a tua gentileza e eu acordássemos, e disse-me que te contasse todas as minhas dores passadas, presentes e futuras, para que nesta repousada noite eu possa falar com Sua Majestade; porque nos demos as mãos e com juramentos dignos de fé prometeu que, enquanto durarem os seus dias e os meus, ter-me-á por servidor, marido e senhor, e que no seu aposento, no seu leito de glória e prazer perpétuos eu terei guarida. E porque és a única esperança de todo o meu bem, e nas tuas mãos está todo o meu mal e o meu bem, peço-te por especial favor, se é que os meus pedidos de algum modo podem ser aceites por ti, que me encontres um remédio para esta minha aflição, para que doravante eu tenha alegres esperanças de que os méritos do meu grande amor não permaneçam defraudados.

Ouvidos os lamentos de Tirant, Prazerdaminhvida reflectiu primeiro um pouco e depois, desejando melhorar a vida e o prazer de Tirant, presenteou-o com as seguintes palavras.

Resposta que Prazerdaminhvida dá a Tirant.

– As palavras são sinais pelos quais se mostram as nossas intenções, pois de outra maneira encerradas nos muros corporais e seladas com o selo secreto da nossa vontade, só a Deus e a mais ninguém seriam manifestas. Eu não descendo do povo baixo de Roma; a minha mãe nasceu naquela cidade: os meus antepassados foram cidadãos nobres de Roma, cheios de antigos triunfos, trazendo na cabeça coroas de vitórias triunfais e ligados por parentesco aos do Império Grego. Quanto à glória presente da minha linhagem calar-me-ei, porque não preciso de vangloriar-me dela; apenas como seguidora da fortuna socorrendo as pessoas que bem amam digo o seguinte: «Tirant, senhor do mundo, porque me dizeis tantas coisas e com palavras temerosas? Não sabe Vossa Senhoria quanto pode contar comigo: o coração, o corpo, a vontade e todos os meus sentimentos não existem senão para servir Vossa Senhoria, a quem tenho como pai. Podeis, portanto, viver confiando plenamente em mim, pois não vos faltarei em nada que seja para prazer e proveito vosso, e esta boa vontade que tenho recebi-a com a capinha do baptismo e com a mortalha a deixarei. Poderá haver alguma mulher que me supere em saber e em beleza, mas eu supero-as em firmeza de amor. E nada mais vos quero dizer, pois a cavaleiro que aguarda entrar na batalha não se deve fatigar com palavras; por isso, na hora em que o Imperador estiver a cear, eu irei à vossa pousada e dir-vos-ei uma notícia que vos encherá de prazer.»

Então Tirant, transbordando de alegria, beijou-lhe os olhos e a cara mostrando grande contentamento. Tirant despediu-se dela e Prazerdaminhvida voltou para o horto, onde encontrou a Princesa a pedir conselho ao Imperador sobre as bandeiras, as quais estavam a dar grande trabalho aos mestres, já cansados.

Depois dos mestres partirem, o Imperador subiu para os aposentos e Prazerdaminhvida e a Princesa retiraram-se e deliberaram sobre a hora em que Tirant viria. A Princesa contou-lhe tudo o que havia dito e feito com Tirant; Prazerdaminhvida mostrou grande alegria ao ver que a sua senhora estava tão feliz.

À hora em que o Imperador devia cear, Tirant não se esqueceu de ir sozinho, com passos apressados, ao palácio, e encontrou Prazerdaminhvida nas escadas, que ela descia para ir aonde ele estava, e, encontrando-se ali os dois, ela explicou-lhe como deveria fazer e a hora em que deveria vir; e cada um voltou pelo mesmo caminho que havia feito.

Depois de todos no palácio estarem recolhidos e já dormirem o primeiro sono, a Princesa levantou-se do leito, estando com ela apenas Prazerdaminhvida e outra donzela que sabia de tudo e era conhecida como a donzela de Montblanc. A Princesa vestiu umas roupas que o Imperador havia mandado fazer para quando ela celebrasse o seu casamento, e nunca as havia vestido nem ninguém havia visto, e eram as mais ricas que naquele tempo se viram. A túnica era de cetim carmesim, toda bordada de pérolas, não havendo mais nada além de duas vasilhas de pérolas enfiadas entre a túnica e a gonela, e o forro era de arminho; a Princesa colocou na cabeça a coroa do Império, que era de mui grande valor; estava bem penteada e ataviada e numa atitude de grande dignidade. Prazerdaminhvida e a donzela de Montblanc pegaram em tochas acesas e ficaram assim à espera até à chegada de Tirant; este, quando ouviu tocar as onze horas (que era a hora combinada, e que ele esperava ansiosamente), com passos apressados, foi até à porta do horto e, subindo as escadas da recâmara, foi encontrar a donzela de Montblanc com a tocha acesa que, quando o viu, lhe fez uma grande reverência dobrando o joelho, e dizendo-lhe as seguintes palavras:

– O melhor dos bons cavaleiros, e o mais bem-aventurado senhor da dama mais bela do mundo.

Tirant, respondendo, disse:

– Que o vosso desejo, donzela, se torne realidade.

Os dois subiram até à recâmara, esperando ali até Prazerdaminhvida ter chegado mais alegre e contente do que Páris quando levou consigo Helena. Entraram num aposento e a Princesa saiu de outro, encontraram-se com grande alegria e saudaram-se, Tirant ajoelhando-se na terra dura, e ela fazendo o mesmo. Depois de estarem assim algum tempo, beijaram-se, e foi tão saboroso o beijo que bem poderiam andar uma milha sem que as bocas se separassem. Prazerdaminhvida, que viu o perigo de tanta demora, aproximou-se e disse:

– Declaro-vos bons e leais enamorados; quero partilhar desta batalha até vos deitardes no leito. E não vos terei por cavaleiro se declarardes a paz antes de correr o primeiro sangue.

Puseram-se de pé, a Princesa tirou a coroa da cabeça e pô-la na cabeça do capitão Tirant e, dobrando os joelhos até ao duro chão, começou a dizer as seguintes palavras.

CCLXXVIII.

Oração que a Princesa dirigiu a Deus por Tirant.

– Oh, Senhor Deus Jesus Cristo, todo-poderoso e misericordioso que, tendo piedade do género humano, quisestes descer do céu à terra e tomastes carne humana no ventre virgem da sacratíssima Virgem Maria, mãe vossa e senhora nossa, e quisestes morrer no madeiro da vera cruz para redimir os pecados do género humano, e ressuscitastes ao terceiro dia pelo vosso próprio poder em corpo glorificado, verdadeiro Deus e verdadeiro homem! Seja do agrado da Vossa Sacratíssima Majestade querer que o meu senhor Tirant, aqui presente, tome posse desta coroa, depois da morte de meu pai, junto com o título e senhorio de todo o Império Grego, pois a Vossa Divina Bondade lhe concedeu a graça de o recuperar e libertar do poder dos infiéis. E seja isto em honra, louvor e glória da Vossa Santíssima Majestade e da Vossa Sacratíssima Mãe e Senhora Nossa, e para aumento da santa fé católica.

Terminada a oração, a Princesa, que estava de joelhos, ergueu-se e pegou numa balança que o Imperador costumava usar para pesar moedas de ouro, e disse as seguintes palavras:

– Senhor Tirant, quis a próspera fortuna que neste dia de hoje eu me submetesse de livre vontade à tua senhoria, e não por consentimento de pai e de mãe, e menos ainda do povo grego; vede aqui esta balança perfeitamente calibrada: neste lado direito está o amor, a honra e a castidade, no outro está a vergonha, a infâmia e a dor; vê qual dos lados a ti, Tirant, te agrada mais.

Tirant, como alguém que quer estar sempre ao serviço da honra, pegou no lado direito da balança e disse as seguintes palavras:

– Antes de ter notícia de Vossa Majestade através dos entendidos que fazem avançar o mundo, eu já ouvia falar das vossas insignes virtudes, das quais tenho agora experiência e será excessivo mencioná-las, pois Vossa Alteza pratica de tal modo as virtudes e possui tanta beleza que suplanta todas as outras damas que existem neste mundo. E como estou firme nesta fé e convicção, tenho o propósito de resistir ao meu erro e, como o prazer não será suficiente para me fazer cair numa tão grande falta, por isso escolho o que mais se aproxima do meu querer – e pegou no prato direito e disse: – Coloco o amor e a honra sobre a coroa, e a balança com toda a firmeza que tem, e, para que Vossa Majestade saiba quanto anseio conhecer todas as perfeições que possuí, com a mesma confiança que através de tantas ofertas me foi confirmada, e se as minhas súplicas encontram aceitação em Vossa Alteza, rogo-vos encarecidamente que me concedais a graça e mercê de não se falar mais nisso e, com vontade sincera, demos rápido cumprimento ao nosso matrimónio.

A princesa não demorou nada a dar a seguinte resposta.

CCLXXIX.

Resposta que a Princesa deu a Tirant.

– Tu não queres observar a regra daqueles que normalmente para a maior parte do mundo têm fama de valentíssimos cavaleiros, os quais quiseram dedicar e gastar todo o seu tempo em bem amar honestamente sem engano algum, e qualquer um desses cavaleiros jamais se vangloriaria de acção semelhante a esta; e posto que o conhecimento da verdade a todos se mostra por igual, isso faz que eu seja digna de perdão, e a culpa fruto do engano, e como sei que que estimas a virtude, aborreces a infâmia e ambicionas a honra, suplico-te que não a abandones. Indo directa ao que quero dizer: tu abraçaste aquele singular prato da balança com o amor e a honra, que dão grandes prosperidades neste mundo e glória infinita no outro.

Como grande mercê te peço que seja do teu agrado conservar a minha pudicícia e que por agora não seja por ti violada. Considere o teu coração sensível que, se o for, não poderei justificar a minha culpa se a minha infâmia for conhecida. O que dirá o Imperador e a minha mãe e todo o povo, que me estimam como santa? O que dirão de mim? Não haverá ninguém que possa confiar em Carmesina. E isto seria suficiente para me fazer perder a posse de todo o Império: não poderei dar-te roupas, jóias e dinheiro pois toda a senhoria prontamente me será tirada, e como tu estarás ausente daqui, a quem pedirei socorro se alguém me ofender? A que irmão ou esposo? E se ficar prenhe, a quem pedirei conselho? Queres que te diga, meu senhor? Já fui tão longe que não posso voltar atrás; como estás decidido que seja assim, não posso tal acto esconder de Deus: sou tua esposa e será forçoso que te obedeça em tudo o que quiseses; pensa, porém que nem tudo o que luz é ouro, e debes pensar bem em todos os danos para a minha pessoa e no que pode seguir-se, isto é: a infâmia. E a tua desposada, que agora é senhora, será então presa e nalguma torre lhe darão alojamento. Chamarei por ti e não quererás ouvir-me, porque a ofensa que nesse caso havierei feito ao meu pai e à minha mãe e o pecado cometido tornar-me-ão abominável perante Deus e as pessoas, e a minha desventura não permitirá que a minha voz vá além do rio Trasimeno para chegar a ti. Tirant, tu és agora o meu senhor, e sê-lo-ás enquanto a vida me acompanhar; a alma é de Deus, que ma encomendou, mas o corpo, os bens e tudo, é teu; e, se fizeres alguma coisa contra a minha vontade, tu serás ao mesmo tempo recriminador e actor do nosso crime. E já me parece que toda a gente me olha no rosto e fico envergonhada.

Não suportando mais as lamentações da Princesa, com rosto afável e a rir, Tirant começou a seguinte réplica.

CCLXXX.

Réplica que Tirant dá à sua Princesa.

— Senhora, muito me tarda ver-vos em camisa ou toda nua no leito. Eu não quero a vossa coroa nem a senhoria que ela confere; dai-me todos os direitos que

me pertencem como manda a santa madre Igreja, dizendo as seguintes palavras: «Se com esforço se ajusta o matrimónio verdadeiro das donzelas, peca mortalmente aquela que pode e não faz se no matrimónio não houver a cópula»; e a mim parece-me, senhora, que, se amais o meu corpo, também deveis amar a minha alma, e Vossa Alteza não deve consentir que eu venha a pecar voluntariamente, pois bem sabeis que Deus não quer ajudar o homem que entra em batalha em pecado mortal.

As palavras não impediam Tirant de começar a tirar a roupa à Princesa, a desatar-lhe os cordões da gonela e a beijá-la vezes sem fim, enquanto dizia:

– Uma hora sem irmos para o leito parece-me um ano; posto que Deus me deu um bem tão grande, tenho medo de o perder.

Disse Prazerdaminhvida:

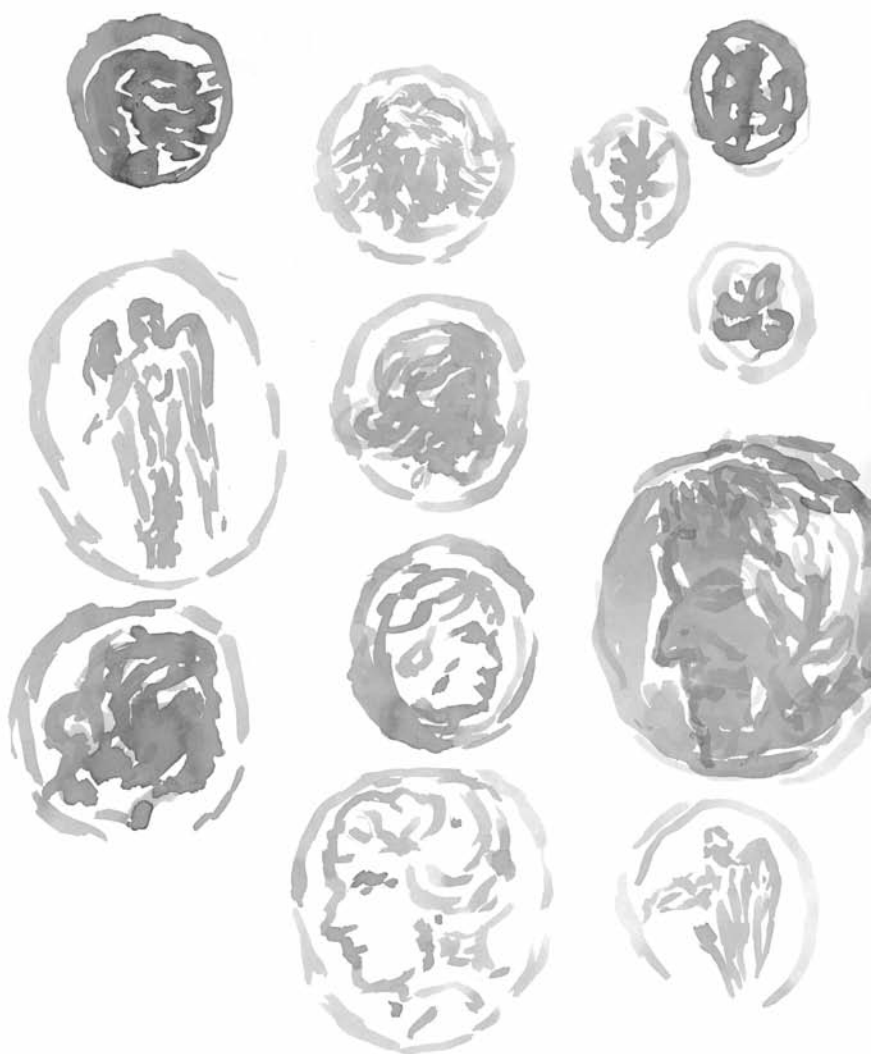
– Ai, senhor, para que quereis ir para a cama? Que seja sobre as suas roupas para que dêem testemunho mais verdadeiro. Nós fecharemos os olhos e diremos que não vimos nada; porque, se esperais que Vossa Alteza se acabe de despir, bem podereis esperar até amanhã de manhã. Depois Nosso Senhor poderia aplicar-vos as penas do cavaleiro indigno de amor; não queirais por nada neste mundo falhar agora, ou que aconteça algum inconveniente, pois, por serdes um enamorado tão correcto, Nosso Senhor não quererá dar-vos novamente um tal bocado nem terá outro para vos dar, pois não conheço nenhum homem neste mundo que não o tivesse já comido, mesmo tendo a certeza de que sufocaria com ele.

Respondeu a Princesa:

– Cala-te, inimiga de toda a bondade. Nunca pensei que tu, Prazerdaminhvida, tivesses tanta crueldade, pois até hoje te tive em conta de mãe ou irmã, mas agora tenho-te em conta de madrastra, pelos conselhos reprováveis que dás contra mim.

Nesta altura, Tirant já havia terminado de desatar os cordões e levou-a nos braços para o leito. Quando se viu numa situação tão íntima, com Tirant nu a seu lado dentro do leito a trabalhar com a artilharia para entrar no castelo, e sentindo que não o conseguiria defender pela força das armas, a Princesa pensou que talvez conseguisse resistir com as armas próprias das mulheres e, com os olhos derramando lágrimas vivas, começou esta lamentação.





ÍNDICE

cxv. Carta enviada pelo imperador de Constantinopla ao rei da Sicília. .	5
cxvi. Como o rei da Sicília pediu a Tirant, da sua parte e do imperador de Constantinopla, que se dignasse ir a Constantinopla para o socorrer	6
cxvii. Como Tirant chegou a Constantinopla, e as razões que o Imperador lhe disse.	9
cxviii. Como Tirant foi atingido no coração por uma seta lançada pela deusa Vénus quando olhava para a filha do Imperador.	13
cxix. Palavras de conforto que Diafebus diz a Tirant ao vê-lo preso nos laços do amor	14
cxx. Lamento de amor feito por Tirant	25
cxxi. Razões que Diafebus dá a Tirant para o consolar dos seus amores . .	26
cxxii. A proposta que o Imperador fez no conselho, dirigindo-se a Tirant	29
cxxiii. A resposta que Tirant deu ao Imperador no conselho	30
cxxiv. Razões que o Imperador expõe no conselho contra um cavaleiro mau cristão	32
cxxv. Como a Princesa aconselha Tirant a precaver-se das falsas astúcias do duque da Macedónia	36
cxxvi. Como Tirant respondeu às perguntas que o Imperador lhe fazia. . .	42
cxxvii. Como a Princesa conjurou Tirant a dizer-lhe quem era a senhora que ele tanto amava.	45
cxxviii. Como a Princesa repreendeu Tirant pela sua declaração de amor . .	51
cxxix. Como Tirant explicou à Princesa por que razão fizera a declaração de amor, e como por amor dela ele se mataria	52
cxxx. Como a Princesa pediu perdão a Tirant pelas palavras ofensivas que lhe havia dito	56
cxxxi. Como o embaixador do acampamento explicou a sua embaixada ao Imperador	58

CXXXII.	A resposta que a Princesa deu ao Imperador, seu pai.	61
CXXXIII.	Como o Imperador enviou Tirant ao acampamento e os pedidos e a exortação que lhe fez	66
CXXXIV.	Como Tirant enviou o marquês de São Jorge e o conde de Águas Vivas como embaixadores ao duque da Macedónia	78
CXXXV.	Carta enviada pelo Sultão ao capitão Tirant lo Blanc	83
CXXXVI.	Como o embaixador do Sultão explicou a sua embaixada a Tirant .	84
CXXXVII.	A resposta que Tirant deu ao embaixador do Sultão	85
CXXXVIII.	A resposta que Tirant deu aos embaixadores sobre os outros pontos da embaixada	89
CXXXIX.	Como o Prior de São João falou com o Imperador	95
CXL.	Como o Prior de São João explicou a sua embaixada a Tirant	96
CXLI.	Como o rei do Egipto expôs no conselho a sua intenção.	99
CXLII.	Como Abdalá Salomão explicou a sua embaixada a Tirant	112
CXLIII.	O conselho que Abdalá Salomão deu a Tirant, capitão	108
CXLIV.	Como os grandes senhores do acampamento de Tirant conseguiram a graça do Capitão para Abdalá	122
CXLV.	Como o Condestável informou o Imperador sobre o estado do acampamento	124
CXLVI.	A sentença que o Imperador proferiu contra os cavaleiros, duques e condes que estavam presos.	129
CXLVII.	A declaração que Estefania da Macedónia fez a Diafebus	139
CXLVIII.	Como Diafebus se despediu do Imperador e das damas para retornar ao acampamento	140
CXLIX.	Como o rei do Egipto levou aos grandes senhores mouros a resposta que Tirant lhe havia dado	144
CL.	Carta de Batalha enviada pelo rei do Egipto a Tirant lo Blanc	148
CLI.	Como Tirant pediu conselho aos grandes senhores do seu acampamento	149
CLII.	Resposta do capitão Tirant à Carta de Batalha do rei do Egipto . . .	152
CLIII.	Como o duque da Macedónia injuriou muito com palavras o capitão Tirant	154
CLIV.	A resposta que Tirant deu ao duque da Macedónia	158
CLV.	Palavras que o senhor de Pantanalea dirigiu à Princesa	169

CLVI. O discurso que Tirant fez a todos os cavaleiros	174
CLVII. Como o Sultão organizou as suas hostes, e como começou a batalha	176
CLVIII. Carta enviada por Estefania a Diafebus	185
CLIX. Como a carta de Estefania fez com que Tirant e Diafebus fizessem as pazes	186
CLX. Salvo-conduto que a Princesa redigiu para o capitão Tirant	191
CLXI. Como Tirant recebeu a carta de guia e foi prestar reverência à Princesa	191
CLXII. A resposta que a Princesa deu a Tirant	204
CLXIII. O sonho que Prazerdaminhvida teve	208
CLXIV. O conselho que os marinheiros deram a Tirant	216
CLXV. O que Tirant diz ao Grande Caramani e ao rei da Índia soberana	223
CLXVI. A resposta que deu o Grande Caramani	224
CLXVII. A resposta que Tirant deu ao Grande Caramani	228
CLXVIII. Carta que os do acampamento escrevem ao capitão Tirant	231
CLXIX. Como o Imperador mandou pela sua filha a Tirant a carta que os do acampamento lhe haviam enviado	231
CLXX. Repreensão que a Princesa dá a Tirant	233
CLXXI. A resposta que Tirant dá à Princesa	235
CLXXII. Réplica que a Princesa dá a Tirant	236
CLXXIII. Resposta que Tirant dá à réplica da Princesa	239
CLXXIV. Como Tirant perguntou à Princesa qual havia sido a causa do seu mal	241
CLXXV. Resposta dada pela Princesa a Tirant	242
CLXXVI. A resposta que o Imperador dá a Tirant	243
CLXXVII. O conforto que Tirant dá à duquesa da Macedónia	244
CLXXVIII. Como o embaixador do Sultão explicou a sua embaixada	246
CLXXIX. Conforto que a Princesa dá a Tirant	248
CLXXX. O conforto que a Imperatriz dá a Tirant	250
CLXXXI. Como a Princesa favoreceu a Sabedoria	251
CLXXXII. Como a Imperatriz respondeu ao que a Princesa disse	253
CLXXXIII. Réplica que a Princesa dá à Imperatriz, sua mãe	255
CLXXXIV. Réplica da Imperatriz em resposta à sua filha	257
CLXXXV. A resposta que o Imperador deu à Imperatriz e à Princesa	258
CLXXXVI. A sentença que o Imperador mandou publicar	259

CLXXXVII.	Carta enviada por Estefania ao Grande Condestável	261
CLXXXVIII.	Resposta dada pelo Condestável à carta de Estefania	261
CLXXXIX.	Os grandes festejos que o Imperador mandou fazer em honra dos embaixadores do Sultão	262
CXC.	Fala Esperança	279
CXCI.	Fala o Imperador	280
CXCII.	Fala o rei Artur	281
CXCIII.	Os bens da natureza	283
CXCIV.	O que jura o rei quando é coroado	283
CXCV.	De onde procede a honra	284
CXCVI.	Do que precisa o homem de armas	285
CXCVII.	Como se consegue a sabedoria	285
CXCVIII.	Os bens da fortuna	286
CXCIX.	As virtudes da nobreza	286
cc.	Qual deve ser o pensamento do cavaleiro vencido na batalha	286
ccI.	A que coisas está o príncipe obrigado para com os seus vassalos	287
ccII.	A resposta que o Imperador deu à rainha Morgana	288
ccIII.	O voto que Tirant fez	291
ccIV.	O voto do Visconde	291
ccV.	O voto que faz o Condestável	292
ccVI.	O voto que faz Hipólito	292
ccVII.	O donativo que Tirant deu ao mouro	293
ccVIII.	A resposta que o Imperador deu aos embaixadores	294
ccIX.	Resposta dada pela Princesa a Tirant	295
ccX.	Réplica que Tirant dá à Princesa	297
ccXI.	Réplica que a Princesa dá a Tirant	299
ccXII.	Palavras que Tirant disse à Viúva Repousada e às outras donzelas	301
ccXIII.	Os agradecimentos da Viúva Repousada a Tirant	302
ccXIV.	Fala Prazerdaminhvida	302
ccXV.	O mau e reprovado conselho que a Viúva Repousada deu à Princesa contra Tirant	304
ccXVI.	Lamento que a Princesa fez	306
ccXVII.	Demanda de conforto que Tirant faz à Princesa	309
ccXVIII.	A resposta que a Princesa deu a Tirant	310

CCXIX. Súplica que Tirant faz ao Imperador	314
CCXX. Resposta dada a Tirant pelo Imperador	316
CCXXI. A oração que o frade fez depois do sermão	318
CCXXII. Como o Imperador deu o título de duque da Macedónia ao Condestável	321
CCXXIII. Resposta que o Imperador deu a Tirant na presença dos seus parentes	326
CCXXIV. Réplica que Tirant dá ao Imperador	327
CCXXV. O conselho que a duquesa da Macedónia e Prazerdaminhvida dão a Tirant	329
CCXXVI. Como a Princesa perguntou à Duquesa qual era o seu mal	331
CCXXVII. Repreensão que a Repousada Viúva deu à Princesa	333
CCXXVIII. Argumentos que a duquesa da Macedónia utilizou com a Princesa .	335
CCXXIX. Como Prazerdaminhvida deu alento ao ânimo de Tirant	339
CCXXX. Palavras que trocaram entre si Tirant, a Princesa e Prazerdaminhvida	342
CCXXXI. Como Prazerdaminhvida pôs Tirant no leito da Princesa	345
CCXXXII. Repreensão de Prazerdaminhvida a Tirant	348
CCXXXIII. Réplica que Tirant dá a Prazerdaminhvida	350
CCXXXIV. Lamentações que Tirant fez	355
CCXXXV. Repreensão que a Princesa dá à Viúva Repousada	360
CCXXXVI. Resposta que a Viúva Repousada dá à Princesa, pela repreensão que esta lhe havia dado, contando-lhe o desastre que havia acontecido a Tirant	361
CCXXXVII. Conforto que o Imperador dá a Tirant	366
CCXXXVIII. Resposta que Tirant dá ao Imperador	367
CCXXXIX. Como o Duque matou o médico, e Prazerdaminhvida se foi da corte	369
CCXL. Como Prazerdaminhvida pediu perdão a Tirant	373
CCXLI. Como Prazerdaminhvida contou a Tirant tudo o que havia acontecido depois da sua queda	374
CCXLII. Resposta dada por Tirant a Prazerdaminhvida	375
CCXLIII. Carta enviada por Tirant à Princesa	376
CCXLIV. Como Prazerdaminhvida voltou para a Princesa	377
CCXLV. Réplica que Prazerdaminhvida dá à Princesa	378
CCXLVI. Resposta dada pela Princesa à carta de Tirant	379

CCXLVII.	Réplica que Tirant dá à Princesa	380
CCXLVIII.	Princípio dos amores entre Hipólito e a Imperatriz	381
CCXLIX.	Como a Imperatriz perguntou a Hipólito quem lhe fazia aquele mal	382
CCL.	Resposta de palavra que a Princesa deu a Hipólito	384
CCLI.	Réplica que a Princesa dá a Hipólito	385
CCLII.	Réplica que Hipólito dá à Princesa	387
CCLIII.	Argumentos que Prazerdaminhvida apresenta à Princesa	388
CCLIV.	Repreensão fantasiosa que Prazerdaminhvida faz à Princesa	389
CCLV.	Declaração de amor que a Imperatriz faz a Hipólito	391
CCLVI.	De novo replica a Imperatriz a Hipólito	392
CCLVII.	Declaração de amor que Hipólito faz à Imperatriz	393
CCLVIII.	Resposta que a Imperatriz dá a Hipólito	394
CCLIX.	Como Hipólito obteve da Imperatriz o dom que lhe pedia	397
CCLX.	Resposta dada pela Imperatriz a Hipólito	398
CCLXI.	Como Hipólito demonstra com palavras a satisfação que sentia com a sua senhora	402
CCLXII.	Réplica que a Imperatriz dá a Hipólito	402
CCLXIII.	A comparação da vinha que Hipólito fez à Imperatriz	411
CCLXIV.	Como a Imperatriz organizou a vida de Hipólito	414
CCLXV.	Argumentos que Tirant apresenta à Viúva Repousada	418
CCLXVI.	Resposta que a Viúva dá a Tirant	420
CCLXVII.	Resposta que Tirant deu à Viúva Repousada quando esta lhe declarou o seu amor	421
CCLXVIII.	A Viúva replica a fala de Tirant	422
CCLXIX.	Tirant replica à Viúva, desconhecendo a sua maldade	426
CCLXX.	Palavras de amor que Tirant dirige à Princesa	430
CCLXXI.	Resposta que a Princesa dá a Tirant	430
CCLXXII.	Como Tirant recebe o juramento da Princesa em como realizaria o matrimónio	432
CCLXXIII.	Réplica que a Princesa dá a Tirant	434
CCLXXIV.	Réplica que Tirant dá à Princesa	435
CCLXXV.	Como o Imperador ordenou que se fizesse uma festa para grande glória de Tirant	436
CCLXXVI.	Pedidos que Tirant faz a Prazerdaminhvida	437

CCLXXVII.	Resposta que Prazerdaminhaveda dá a Tirant	439
CCLXXVIII.	Oração que a Princesa dirigiu a Deus por Tirant	441
CCLXXIX.	Resposta que a Princesa deu a Tirant	442
CCLXXX.	Réplica que Tirant dá à sua Princesa	443
CCLXXXI.	Lamento que a Princesa faz, estando nos braços de Tirant	445
CCLXXXII.	Como Prazerdaminhaveda repreendeu por palavras Tirant	448
CCLXXXIII.	Artifício que a Repousada Viúva preparou contra Tirant	451
CCLXXXIV.	Conforto que a Viúva Repousada dá a Tirant	455
CCLXXXV.	Resposta que dá Tirant às palavras de conforto da Viúva reprovada	456
CCLXXXVI.	Declaração de amor que a Viúva Repousada faz a Tirant	457
CCLXXXVII.	Palavras maliciosas que o duque de Pera proferiu contra o duque da Macedónia.	460
CCLXXXVIII.	Resposta que o duque da Macedónia deu ao duque de Pera	461
CCLXXXIX.	A Princesa conta o seu mal a Tirant	465
CCXC.	Lamento do Imperador.	465
CCXCI.	Lamento de Tirant	469
CCXCII.	O conselho que uma judia deu ao Imperador para recuperar a vida de Tirant.	474
CCXCIII.	Como Tirant enviou o senhor de Agramunt ao Imperador para o notificar da sua partida.	478
CCXCIV.	A embaixada que Prazerdaminhaveda expôs a Tirant	480
CCXCV.	A resposta que Tirant dá a Prazerdaminhaveda.	482
CCXCVI.	Réplica que Prazerdaminhaveda faz a Tirant.	485

Joanot Martorell

TIRANT LO BLANC

2.º volume

tradução do catalão e notas de

Artur Guerra

desenhos de

Ilda David'

«Sem querer cansar-se mais em ler livros de cavalarias, mandou à ama que tomasse todos os livros grandes e os deitasse para o pátio [a fim de serem queimados].

Por pegar em muitos ao mesmo tempo, caiu-lhe um aos pés do barbeiro; teve vontade de ver de quem era, e viu que se chamava *História do Famoso Cavaleiro Tirant lo Blanc*.

– Valha-me Deus! – disse o cura, soltando um grande brado –, que aqui está o *Tirant lo Blanc*! Dai-mo cá, compadre, que eu agirei como quem encontrou nele um tesouro de contentamento e uma mina de passatempos. Aqui está Dom Kirieleison de Muntalbà, valeroso cavaleiro, o seu irmão Tomás de Muntalbà, e o cavaleiro Fonseca, com a batalha que o valente Tirant fez com o alão, e as subtilezas da donzela Prazerdaminhvida, com os amores e artimanhas da viúva Repousada, e a senhora Imperatriz enamorada de Hipólito, seu escudeiro. A verdade vos digo, senhor compadre, que em razão de estilo não há no mundo livro melhor: aqui os cavaleiros comem e dormem, morrem nas suas camas e fazem testamento antes de morrer, com outras coisas mais que faltam em todos os livros deste género. [...] Levai-o para casa e lede-o, e vereis que é verdade tudo o que dele eu vos disse.»

Miguel de Cervantes, *D. Quixote de la Mancha*, parte I, cap. VI

O romance *Tirant lo Blanc* abandona os ideais tipicamente cavaleirescos (cenários exóticos e fantásticos, amores platónicos e princípios morais) para se tornar no primeiro romance realista da literatura europeia, combinando os ideais da cavalaria com a descrição pormenorizada dos usos e costumes da corte e da sociedade do seu tempo, bem como das estratégias militares e dos amores sensuais, onde os protagonistas são humanos com todos os seus vícios e virtudes.

Joanot Martorell [c. 1413, Valência – 1468], cavaleiro *moçèn*, nasceu de uma família aristocrática. Teve uma vida tempestuosa, cheia de viagens, combates de cavalaria e aventuras amorosas. Dedicou-se a *Tirant lo Blanc* desde Janeiro de 1460, ou seja, trinta anos antes da sua publicação como obra póstuma em 1490.

